

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO – MESTRADO E DOUTORADO

JOSEPH RIBEIRO LOPES

ÁRBITROS SUL-RIO-GRANDENSES DE FUTEBOL: EVOCANDO
LEMBRANÇAS DOS “DONOS DO APITO” NAS DÉCADAS DE 1960/1980

PORTO ALEGRE

2021

JOSEPH RIBEIRO LOPES

ÁRBITROS SUL-RIO-GRANDENSES DE FUTEBOL: EVOCANDO
LEMBRANÇAS DOS “DONOS DO APITO” NAS DÉCADAS DE 1960/1980

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janice Zarpellon Mazo

PORTO ALEGRE

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Ribeiro Lopes, Joseph
ÁRBITROS SUL-RIO-GRANDENSES DE FUTEBOL: EVOCANDO
LEMBRANÇAS DOS "DONOS DO APITO" NAS DÉCADAS DE
1960/1980 / Joseph Ribeiro Lopes. -- 2021.
83 f.
Orientador: Janice Zarpellon Mazo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Árbitro. 2. Juiz. 3. Futebol. 4. História do
esporte. 5. Memória Esportiva. I. Zarpellon Mazo,
Janice, orient. II. Título.

JOSEPH RIBEIRO LOPES

**ÁRBITROS SUL-RIO-GRANDENSES DE FUTEBOL: EVOCANDO
LEMBRANÇAS DOS “DONOS DO APITO” NAS DÉCADAS DE 1960/1980**

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Alice Beatriz Assmann – UEMG

Prof^a. Dr^a. Carolina Fernandes da Silva – UFSC

Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser – UFRGS

Orientadora - Prof^a. Dr^a. Janice Zarpellon Mazo - UFRGS

Por me transmitir a paixão pelo futebol e por todo amor em nossos anos de convívio, dedico essa dissertação a ti, Vô Dudu (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Ao percorrer minha jornada não estive só e, por isso, é com muito carinho e reconhecimento, que faço esses agradecimentos às pessoas e instituições que tanto contribuíram para que eu pudesse chegar neste momento.

À minha esposa Carla, que em todos os momentos, dos mais leves aos mais conturbados, sempre esteve ao meu lado, não deixando de acreditar no meu potencial e fazendo o possível para ajudar no que fosse preciso. Agradeço todos os dias por ter uma parceira tão especial.

À toda minha família pelo apoio, incentivo e amor transmitido desde o início. Em especial à minha mãe, minha grande amiga e meu maior exemplo de professora, que fez e faz da educação, uma forma de viver. Obrigado pelos ensinamentos, leituras de trabalho e conversas em dias tensos. À minha dinda Su, pelo suporte fundamental desde a época da graduação, tornando o caminho até aqui mais tranquilo. À minha sogra, por me dar espaço, carinho, cafés e tranquilidade para as jornadas de estudo. Sou muito grato em poder compartilhar a vida com vocês.

À minha orientadora, Professora Doutora Janice Mazo, por ter acreditado em mim desde a nossa primeira conversa, dando-me suporte e incentivos para enfrentar os novos desafios. Obrigado pelos apontamentos, orientação, paciência e todo suporte que me deste em todas as etapas, é um exemplo para mim.

Ao grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME), o qual, desde o segundo semestre de 2019, me acolheu com tanto carinho e respeito. Nossas trocas de conhecimento e vivências, me tornaram uma pessoa e um pesquisador melhor. Em especial, agradeço à Giandra e à Josiana, pela disponibilidade em me ajudar quando preciso e carinho que tiveram comigo nesses dois anos e meio.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pela acolhida e todo suporte necessário durante o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), através de um ensino gratuito e de alto nível.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, me dando a oportunidade de dedicação aos estudos nestes dois anos e meio de formação acadêmica.

Aos árbitros que contribuíram para essa dissertação, Anderson, Barreto, Boaro, Élio, Elinho, Gallas, Guaranha, Justimiano, Kruse, Margal, Silvio, Volvei e Zeno, seja através de seus depoimentos, seja através de informações relevantes.

Ao Presidente da Comissão Estadual dos Árbitros de Futebol do Rio Grande do Sul (CEAF/RS), Luiz Fernando Gomes Moreira, por possibilitar a realização da coleta de dados, assim como incentivar a realização desta pesquisa.

A todos os professores desta instituição que tive o privilégio de ter em meu caminho, permitindo trocar conhecimento e ideias. Agradeço aos professores doutores Alice Asmann, Carolina Fernandes e Rogério Voser, por aceitarem contribuir para o trabalho como membros avaliadores da banca.

Aos amigos, atletas e diretores da ASTRA 4, que, ao me receberem na equipe, sempre me deram o suporte necessário para a conclusão dessa etapa, entendendo minhas ausências e incentivando cada passo dado. Vocês todos fazem parte dessa conquista.

Aos meus amigos, que em todos os momentos me apoiaram, através de palavras motivadoras e compreensão nas ausências. Em especial aos queridos, Cássio, Ítalo, Luiz e Sergio, que estiveram sempre por perto quando preciso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Henrique Maia Faillace.....	33
Figura 2 – A chegada de Barrick.....	34
Figura 3 – Diploma do curso de 1966.....	40
Figura 4 – Árbitro Guaranha como atleta no futebol amador de Porto Alegre.....	41
Figura 5 – Carteirinha da AGA.....	47
Figura 6 – O Grenal praiano.....	49
Figura 7 – A inauguração do Beira Rio.....	53
Figura 8 – Barreto no Gauchão de 1965.....	54
Figura 9 – Silvio ganha destaque no Paraná.....	56
Figura 10 – Escala de arbitragem na mídia.....	63
Figura 11 - O terceiro destaque do Grenal.....	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Árbitros da FGF.....	28
Quadro 2 – Tempo de entrevista com os árbitros.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGA – Associação Gaúcha de Árbitros
APAPA – Associação Profissionais de Árbitros de Porto Alegre
ARGA – Associação Rio-Grandense de Árbitros
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBD – Confederação Brasileira de Desportos
CBF – Confederação Brasileira de Futebol
CCS – Clube Comercial Sarandi
CEAF-RS - Comissão Estadual de Árbitros de Futebol do Rio Grande do Sul
CEME – Centro de Memória do Esporte
CND – Comissão Nacional de Desportos
CONMEBOL – Confederação Sul-Americana de Futebol
DFC – Departamento de Futebol da Capital
EAF - Escola de Árbitros de Futebol
FA – *Football Association*
FGF – Federação Gaúcha de Futebol
FIFA – *Fédération Internationale de Football Association*
FPF – Federação Paranaense de Futebol
FRGD – Federação Rio-Grandense de Desporto
FRGF – Federação RioG-Grandense de Futebol
IFAB – *International Football Association Board*
SAFERGS - Sindicato de Árbitros de Futebol do Rio Grande do Sul
SAT – Sociedade Amigos de Tramandaí
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
VAR – *Video Assistant Referee*

PREÂMBULO

Minha aproximação com o futebol, assim como a maioria dos meninos da minha idade à época, se deu através do futsal. Em frente a casa onde morávamos, no bairro Sarandi, zona norte de Porto Alegre, há um clube social, que aos finais de semana enchia minha rua de carros. Pais, mães, filhos, famílias inteiras lotavam o ginásio para ver o Clube Comercial Sarandi (CCS) jogar, e eu, claro, assistia todos os jogos de todas as categorias. Tive em meu avô a figura paterna, que me ensinou tudo que sabe sobre futebol. Enquanto jogávamos baralho, ele contava histórias de jogadores de sua época, viagens para assistir jogos marcantes, enfim, tudo aquilo que enchia ainda mais minha imaginação. A paixão pelo esporte e pelo clube do meu bairro, fez com que eu entrasse para a escolinha de futsal, onde tive meu primeiro treinador, que o tenho como meu primeiro educador esportivo, o professor Moretto.

Por meio do CCS, experimentei viagens, participei de competições municipais e estaduais, construí amizades que duram até hoje, conheci cidades, clubes e atletas que só assistia pela televisão. Vivências ricas em culturas e novos saberes, que trouxeram a mim aprendizados além das quatro linhas da quadra, enriquecendo-me como atleta e ser humano. Contudo, após ter passado por todas as categorias de base do futsal, chegava a hora de decidir entre continuar jogando e cursar a graduação. Assim, aos 15 anos, entrei para a faculdade de Educação Física, no então Centro Universitário La Salle, na cidade de Canoas, e a vontade de ser jogador deu lugar a outro sonho, de ser professor.

Entre o início de minha graduação e o primeiro curso de arbitragem de futebol, pude experienciar diversas modalidades diferentes como árbitro. Do futsal no clube em frente a minha casa, até handebol no interseriores em escolas da cidade de Canoas. Aos poucos, a arbitragem foi tomando forma profissional em minha jornada e sentia a necessidade de me aprimorar, tornar a aventura de arbitrar, em uma possibilidade de ascensão profissional. Minha mãe, professora da rede municipal de Porto Alegre, me incentivou a participar do curso de arbitragem de futebol promovido pela então Secretaria Municipal de Esportes (SME), em 2011. Foi meu primeiro contato com árbitros de futebol que atuavam nos campeonatos estaduais, nacionais e internacionais. Um curso importante para mim, pois foi ali que conheci o que era ser árbitro e quais seriam meus

desafios como tal. Em 2012, realizei o curso promovido pelo Sindicato de Árbitros de Futebol do Rio Grande do Sul (SAFERGS) e 2013 o curso da Federação Gaúcha de Futebol (FGF), este último que me oportuniza atuar em jogos profissionais de futebol.

Foi a partir do curso da FGF e minhas atuações como árbitro profissional, que pude valorizar ainda mais a representatividade do árbitro frente ao futebol. Muito interessado pela história, minha segunda opção no vestibular, identifiquei a falta de pesquisas históricas que contemplem o árbitro como protagonista, fazendo-me refletir sobre a importância e responsabilidade que lhe é atribuída no espetáculo do esporte. Sendo assim, através deste trabalho, pretendo contribuir para o surgimento de novas pesquisas que elucidem o árbitro de futebol e suas representações como tema principal, pois entendo que ele, por ser o “comandante” da partida, merece ser valorizado como parte fundamental da história do esporte.

RESUMO

O árbitro de futebol é um personagem que tem visibilidade à medida que sucedem jogos de futebol entre clubes do Rio Grande do Sul, notadamente no início do século XX. Nas primeiras décadas do século XX, com a propagação da prática do futebol e a constituição de clubes em distintas regiões do estado, as disputas evidenciam cada vez mais o personagem que exercia a função de árbitro de futebol. Os árbitros conquistam outras notoriedades no cenário futebolístico do estado, quando a Federação Rio-Grandense de Desportos (FRGD), fundada no ano de 1918, atualmente Federação Gaúcha de Futebol (FGF), começou a promover competições entre clubes do estado. Após três décadas, no ano de 1948, a FRGD deu o primeiro passo em direção ao aperfeiçoamento dos árbitros de seu quadro ao trazer árbitros da Inglaterra para realizarem cursos. Diante de tal panorama, a pesquisa tem o objetivo de compreender como sucederam as atuações dos árbitros de futebol sul-rio-grandenses, vinculados a FGF, entre as décadas de 1960 e 1980. Para tanto, foram consultados documentos oficiais da FGF e do Sindicato de Árbitros de Futebol do Rio Grande do Sul (SAFERGS), além de notícias e imagens em jornais, revistas, almanaques, como também foram produzidas fontes orais por meio de entrevistas com árbitros de futebol. Guiada pelos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural, as interpretações dão conta de que os árbitros de futebol se aproximaram da atividade de arbitragem através de alguma prática já experienciada no esporte. Atuando inicialmente em jogos de categoria de base, a ascensão ao quadro principal regional e/ou nacional era rápida se comparada aos dias atuais, uma vez que a indicação era feita diretamente pelo diretor de arbitragem e o campeonato brasileiro continha um número maior de clubes disputantes em diversas regiões do país. Ao longo dos anos, o árbitro de futebol é um personagem que recebeu mais espaço na mídia impressa e tal visibilidade repercutiu em mais destaque e valorização do seu papel no futebol.

Palavras-chave: Árbitro, Juiz, Futebol, História do Esporte; História Oral; Memória Esportiva.

ABSTRACT

The soccer referee is a character who becomes visible as soccer matches between clubs in Rio Grande do Sul take place, especially at the beginning of the XX century. In the first decades of the 20th century, with the spread of soccer practice and the establishment of clubs in different regions of the state, the disputes highlight more and more the character who performed the function of soccer referee. The referees achieved other notoriety in the soccer scene of the state, when the Rio-Grandense Federation of Sports (FRGD), founded in 1918, currently the Gaúcha Soccer Federation (FGF), started to promote competitions among clubs in the state. After three decades, in 1948, FRGD took the first step towards the improvement of its referees by bringing referees from England to take courses. In view of this scenario, this research aims at understanding how the soccer referees of the state of Rio Grande do Sul, connected to the FGF, worked between the 1960s and the 1980s. To this end, we consulted official documents from the FGF and from the Union of Soccer Referees of Rio Grande do Sul (SAFERGS), as well as news and images from newspapers, magazines, almanacs, and also oral sources by means of interviews with soccer referees. Guided by the theoretical and methodological assumptions of Cultural History, the interpretations show that soccer referees approached the activity of refereeing through some practice already experienced in the sport. Initially working in youth games, the ascension to the regional and/or national main team was quick if compared to the current days, since the appointment was made directly by the refereeing director and the Brazilian championship had a larger number of competing clubs in several regions of the country. Over the years, the soccer referee is a character who has received more space in the printed media and such visibility has resulted in more prominence and appreciation of his role in soccer.

Keywords: Referee, Judge, Soccer, Sports History; Oral History; Sports Memory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	23
4 HOMENS DE PRETO: UM PANORAMA HISTÓRICO.....	30
5 O ÁRBITRO EM CAMPO: MEMÓRIAS DOS “APITADORES”	37
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	79
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	81
ANEXO A – TERMO DE CONSCIENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	83

1 INTRODUÇÃO

Este estudo alude acerca das atuações dos árbitros de futebol sul-riograndenses, filiados à Federação Gaúcha de Futebol (FGF), que atuaram entre os períodos de 1960 e 1980. Ao longo dos anos, a arbitragem de futebol passou por muitas transformações até chegar ao que é transmitido na televisão nos dias atuais. Atualmente, com a inserção da tecnologia do Árbitro Assistente de Vídeo (AAV), mais conhecido como VAR¹, aos jogos e o rápido acesso à informação, o árbitro de futebol tem estado cada vez mais em foco nas mídias. No entanto, o árbitro de futebol, em algumas fontes históricas aludido como juiz ou *referee*, nem sempre exerceu sua função sendo membro ativo na partida.

No estado do Rio Grande do sul, nas duas primeiras décadas do século XX, o futebol torna-se cada vez mais profissional, sendo então, que alguns clubes unem-se de forma organizada e criam a Federação Rio-Grandense de Desportos (FRGD), que anos mais tarde, tornaria-se a Federação Rio-Grandense de Futebol (FRGF). Hoje conhecida como Federação Gaúcha de Futebol (FGF), a FRGD foi fundada em 18 de maio de 1918, na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Segundo Mazo, Pereira e Silva (2013), a FRGD tinha como principal incumbência organizar as competições no estado e aproximar os clubes do Rio Grande do Sul, visto que, com o surgimento de inúmeras equipes no início do século XX, diversas competições municipais eram disputadas por todo estado, os chamados cidadãos. A competição inaugural ocorreria em 1918, ano de fundação da entidade, contudo, neste mesmo ano a gripe espanhola² assolava o estado do Rio Grande do Sul, sendo então disputado em 1919.

Três décadas após sua fundação, a FRGF inicia seu projeto de aperfeiçoamento do quadro de arbitragem de futebol no Rio Grande do Sul. Movimento este que, anos mais tarde, evidenciaria o destaque dos árbitros sul-

¹ *Video Assistant Referee* é um árbitro da partida que possui acesso independente às imagens gravadas da partida, o qual poderá auxiliar o árbitro apenas na eventualidade de um “erro claro e óbvio” ou “incidente grave não percebido” relativo a: a) Gol/não gol; b) Pênalti/não foi pênalti; c) Cartão vermelho direto; d) Identificação equivocada por parte da arbitragem (CBF, 2021).

² Conhecida como “Influenza Hespânica”, a pandemia de gripe que se alastrou pelo planeta após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), chegou a Porto Alegre em outubro de 1918, alterando por completo a vida dos moradores. Os efeitos da escassez alimentar e a queda de padrões sanitários, foram fundamentais para a disseminação da doença, deixando, meses depois, um número de mortos ainda maior que a própria guerra. Em todos os continentes, estima-se um número de infectados próximo a 600 milhões e 20 milhões de mortos (ALVES, 2020).

rio-grandenses em âmbito nacional. Em 1948, a FRGF trouxe da Inglaterra árbitros de futebol, a fim de transmitirem seus conhecimentos aos árbitros do Rio Grande do Sul. Além de sua experiência, os árbitros ingleses revolucionaram também a estética dos árbitros sul-rio-grandenses daquela época, pois, ao invés de vestir-se de branco e usar calças como era de costume nos jogos da FRGD, introduziu um fardamento de camisa preta, calção preto e meias brancas.

O futebol, concebido por muitos como uma paixão nacional, passou a ter uma apropriação maior pela sociedade sul-rio-grandense, principalmente, a partir da criação dos primeiros clubes que emergiram no estado, no início do século XX, tal como o *Sport Club* Rio Grande, que fundado no ano de 1900, passou a ser o primeiro clube destinado especificamente para a prática do futebol do Rio Grande do Sul. Diante deste cenário, muitos outros clubes foram surgindo e passaram a compor, a partir de diferentes personagens, elementos constituintes dos processos históricos de gênese e afirmação do futebol como prática cultural.

O futebol tem relevância para o cenário esportivo no Rio Grande do Sul, e, através dele como objeto central e suas áreas de interação, foi possível evidenciarmos alguns estudos que foram desenvolvidos. Embora estes estudos tenham relevância para que possamos compreender o surgimento do futebol e suas dimensões, ao longo dos anos, “verificou-se, que existe uma pessoa que faz parte deste círculo e, que passa, muitas vezes, despercebida no futebol, mas que é tão antiga como este esporte” (SILVA; RODRIGUEZ-AÑES; FRÓMETA, 2002, p.39). Ainda, segundo os autores, os grandes investimentos histórico-científicos, eram estritamente voltados aos clubes, regras, federações e atletas, expondo assim uma escassez de estudos acerca da história da arbitragem, tendo em vista que os percursos dos árbitros de futebol, surge como um relevante ponto a ser considerado.

A arbitragem no futebol se fez presente desde sua chegada ao Brasil, por isso, torna-se fundamental a construção de um estudo que reconheça sua importância para o desenvolvimento e crescimento do esporte no Rio Grande do Sul. Se nos livros, pesquisas e registros sobre o futebol, o árbitro tem presença quase constante como coadjuvante nas partidas, entendemos como imprescindível elucidarmos suas trajetórias e representações perante o esporte.

O livro de regras publicado anualmente pela *International Football Association Board (IFAB)*, órgão internacional que regulamenta e analisa possíveis alterações nas regras do futebol, é traduzido ao Brasil pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Em seu texto que compreende o árbitro de futebol e suas atribuições, a *IFAB* determina que nenhuma partida deva iniciar sem a presença de um árbitro e que o mesmo tem total autoridade para cumprir as regras (CBF, 2021). A regra oficial do futebol, em sua última atualização, corrobora com o levantamento bibliográfico realizado até o presente momento em nossa pesquisa. Diante do exposto, mencionamos que a lacuna percebida através do levantamento bibliográfico nos registros históricos acerca do tema e a própria ligação do autor deste estudo com a profissão, emergem como as justificativas para escrita dessa dissertação de mestrado.

Diante deste contexto, apresento o objetivo geral da pesquisa: compreender como sucederam as atuações dos árbitros de futebol sul-rio-grandenses, vinculados a FGF, que atuaram entre de 1960 e 1980. A fim de buscarmos respostas ao objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos: a) Quem foram os árbitros de futebol sul-rio-grandenses vinculados a FGF que atuaram entre as décadas de 1960 e 1980; b) Qual a formação dos árbitros de futebol sul-rio-grandenses, entre as décadas de 1960 e 1980; c) De que modo transcorreram as carreiras dos árbitros de futebol sul-rio-grandenses em jogos da FGF, CBF ou FIFA, que atuaram entre 1960 e 1980.

Delimitamos o recorte temporal da pesquisa entre as décadas de 1960 e 1980. O marco inicial deste estudo é a década de 1960, uma vez que, em 1958, a FRGF, através da sua Escola de Arbitragem, abre edital e realiza seu primeiro curso preparatório para árbitros de futebol, formando-os para atuarem em jogos oficiais, em 1960. Ainda neste período, o Campeonato Gaúcho deixa de ser disputado pelos campeões regionais, passando, então a reunir em uma única competição os principais clubes do Rio Grande do Sul (MANHAGO; GRABAUSKA, 2019). O recorte final traz à luz a década de 1980, marcada por mudanças não somente nas regras do futebol³, mas também por mais uma

³ A partir de 1990, a *IFAB* anuncia novas mudanças nas regras do futebol na tentativa de deixá-lo mais ofensivo e dinâmico. Entre as mudanças estão: a) Três substituições ao invés de duas; b) Não é permitido ao goleiro segurar a bola vinda propositalmente de um companheiro; c) Atacante está em posição legal se estiver na “mesma linha” do penúltimo defensor (BARBIERI; BENITES; NETO, 2009).

alteração no formato de disputa do campeonato estadual. A partir de 1987, a competição estadual passa a reunir 14 das principais equipes do Rio Grande do Sul em uma única competição, enfrentando-se em turno e retorno. Acredita-se que, por esta mudança, também houve mudanças em relação a arbitragem do Rio Grande do Sul, onde os árbitros, que antes atuavam de forma regionalizada e em poucos jogos, passaram a percorrer o estado para exercerem suas funções (FERLA, 2018).

Para atender aos objetivos desta pesquisa, coletaram-se informações por meio de entrevistas semiestruturadas com árbitros de futebol, vinculados a FGF, que atuaram ou vivenciaram o período já delimitado. Optamos por entrevistar os árbitros que participaram dos primeiros cursos de arbitragem promovidos pela FRGF, pois entendemos que estes tinham uma maior “dificuldade” de conduzir as partidas, visto que, por não possuírem os mesmos recursos tecnológicos dos dias atuais, tornaram-se mais presentes no campo de jogo, ganhando assim, um relativo destaque na mídia esportiva da época. Segundo Ferreira e Brandão (2012), as dificuldades e pressões exercidas aos árbitros em uma partida de futebol, advém de elementos externos e internos. Mídia, clubes e federações exercem suas pressões do lado de fora do campo de jogo. Já os jogadores, dirigentes e torcedores, se fazem presentes em pressões dentro das quatro linhas.

Esta dissertação de mestrado está estruturada em cinco capítulos, além deste introdutório. O Referencial Teórico constitui o segundo capítulo, no qual abordamos os conceitos que servem de suporte para as interpretações deste estudo. A seguir, no terceiro capítulo, Caminhos Metodológicos, apresentamos como foi feita a coleta dos dados e a interpretação das informações. No quarto capítulo, intitulado “Homens de Preto: um panorama histórico”, discutiremos sobre como se configurou a figura do árbitro de futebol, e, posteriormente, sua ascensão no cenário esportivo do Rio Grande do Sul. O quinto capítulo, intitulado “O árbitro em campo: memórias dos apitadores”, apresentamos os Resultados e Discussões acerca das atuações dos árbitros de futebol no Rio Grande do Sul, dividindo-o em três subcapítulos intitulados: a) Aproximação com a arbitragem de futebol; b) Carreira dos árbitros na FRGF/FGF e CBD/CBF; c) Relação entre o árbitro e a mídia. Finalizamos a dissertação listando as Referências, os Apêndices e Anexos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os pressupostos teóricos da História Cultural serviram de aporte para esta pesquisa, onde recorreremos a autores como Burke (2005), Chartier (2002) e Pesavento (2005). Para além deste, o conceito de memória vinculado ao âmbito esportivo também embasou nossas considerações, nos apoiando, para tanto, nos escritos de Le Goff (1990) e Nora (1993). Assim, ao passo que, no Brasil, a figura do árbitro de futebol foi conformada juntamente ao referido esporte e seus percursos nem sempre foram contemplados em pesquisas históricas, o desenvolvimento do presente estudo, sob a ótica da História Cultural, possibilitará focalizarmos os sujeitos em foco. Deste modo, por entendermos a importância do árbitro de futebol perante o esporte, daremos voz a esses personagens através do registro de seus depoimentos.

Roger Chartier (2002, p. 16), menciona que a História Cultural “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Com isso a História Cultural faz-se através de diversas mudanças epistemológicas por meio de novos conceitos, representações, imaginários, narrativas, ficções e sensibilidades. Assim sendo, fez-se necessário repensar a história, colocando em pauta seus antigos conceitos, nos permitindo encarar como “possíveis, prováveis, verossímeis” as relações entre os vestígios coletados pelo pesquisador e o fenômeno em questão (CHARTIER, 2002, p. 86).

Para Burke (2005), a História Cultural busca a valorização de grupos particulares em locais e períodos específicos, propondo certo distanciamento dos esquemas teóricos generalizantes. Complementando, o autor destaca que “a preocupação com a construção da identidade é uma característica importante da História Cultural”, ou seja, cada indivíduo deve criar sua própria identidade em relação ao tempo vivido, pois cada pessoa, mesmo vivenciando momentos iguais a outras, terá percepções e sentimentos distintos. Assim, através do olhar dos árbitros que vivenciaram o período demarcado nesta pesquisa, buscamos identificar as práticas e representações culturais produzidas (BURKE, 2005, p. 78).

A História do Esporte, dentre as inúmeras aproximações possíveis, relaciona com a História Cultural por meio do conceito de “práticas” (BURKE,

2005, p. 53). Na História Cultural, as práticas culturais revelam-se não somente através da produção de cultura, de técnicas ou realizações, mas, também, aos usos e costumes produzidos por uma sociedade, devendo o pesquisador estar atento a eles. Barros (2011, p. 46), descreve que o modo como “homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros”, são práticas culturais, por exemplo. Correspondem, desta forma, ao “modo de fazer” cultura de uma sociedade. Com isso, entendemos que os árbitros de futebol produzem suas próprias práticas, conferindo ao esporte significados únicos e particulares.

É válido ressaltarmos também que a História Cultural se distingue da história tradicional, trazendo a diferença entre o que é central e o que é periférico em sua escrita. Mostra-nos que personagens até então ditos coadjuvantes, desvendam outras histórias até então desconhecidas na narrativa tradicional (PESAVENTO, 2005). Nesta premissa, trabalhar historiografia pressupõe ampliar nossa concepção a respeito de documentos históricos, pois este não é restrito a documentos escritos e oficiais, mas sim relatos, entrevistas, sentimentos e até silêncios em certas vezes. Trata-se, portanto, “de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2005, p.15).

Nesta perspectiva, para Pesavento (2005), o conceito de “representação”, também emerge como um ponto central na História Cultural, que faz com que indivíduos percebam a realidade e pautem sua própria existência. Representar, para a autora, é estar no lugar de presentificar o que é ausência, tendo como ideia central a substituição, tornando sensível uma presença. Pesavento (2005, p. 40) afirma que:

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo (PESAVENTO, 2005, p. 40).

Diante do exposto, a cultura pode ser entendida como a construção do passado, a partir de representações singulares sobre a realidade. Assim, representação não é a cópia fiel do acontecido, uma imagem perfeita, “mas sim uma construção feita a partir dele” (PESAVENTO, 2005, p. 40). Portanto, em

nossa pesquisa, não visamos buscar verdades absolutas, mas, sim, narrar nossa versão mais próxima do passado.

Para que possamos dar voz as práticas e representações dos árbitros de futebol sul-rio-grandenses, propomos um exercício de lembranças, ou seja, fazer com que tragam à tona suas memórias sobre suas trajetórias pessoais e profissionais no campo do esporte. Para Le Goff (1990), as memórias são responsáveis pela atualização das impressões e situações passadas, ou o que cada indivíduo representa como passadas, e tem como propriedade principal conservar certas informações. Complementando, o autor relata que são os processos de memória que conduzem a ordenação de vestígios, bem como possibilitam uma releitura destes. Neste caminho, ao citar o autor Pierre Janet, considera o comportamento narrativo fundamental na construção de vestígios da memória, pois percebe a comunicação como forma de presentificar a “ausência do acontecimento ou objeto que constitui seu motivo” (LE GOFF, 1990, p. 425).

Pierre Nora (1993) traz a memória como algo vivo, em permanente evolução, passível de lembranças e esquecimentos, que por ser mágica e afetiva, nem sempre traz consigo detalhes que a confortam. Neste sentido, entendemos que as memórias dos árbitros de futebol podem ser individuais e coletivas, uma vez que cada árbitro traz consigo seus sentimentos acerca de suas trajetórias e ao mesmo tempo partilha da memória de um grupo. Evocar as memórias dos árbitros de futebol nos mostrará outra parte da história do esporte, esta que, até então, não foi contada em registros históricos ou em jornais da época. Nora (1993) defende a memória das minorias, daqueles que não foram contemplados pela história tradicional, ficando a margem dos privilegiados, pois somente assim será possível acessar todos os lugares de memórias.

Sendo assim, o conceito de memória também ocupa lugar de destaque em nossa pesquisa, visto que, buscamos compreendê-la e registrá-la através dos discursos dos árbitros sul-rio-grandenses de futebol. Entendemos ainda que cada indivíduo tem suas particularidades, percepções, emoções e maneiras de enxergar o período vivido, fazendo com que haja representações distintas acerca do mesmo espaço temporal.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A fim de registrarmos uma versão sobre a trajetória dos árbitros de futebol sul-rio-grandenses vinculados a FRGD, entre as décadas de 1960 e 1980, nossa pesquisa apresenta caráter qualitativo, com viés histórico-cultural. Para Goldenberg (2004, p. 53), a pesquisa qualitativa consiste em “descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos”, na qual não há padronização dos dados, “obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los” (GOLDENBERG, 2004, p. 53). A pesquisa qualitativa busca compreender a singularidade e a contextualidade do objeto em estudo, não havendo generalizações de fatos ou eventos, pessoas ou lugares. Ludke e André (2018, p. 14) afirmam de modo complementar, que nos estudos qualitativos “há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas”. Sendo assim, nossa pesquisa busca apresentar um novo olhar a esta realidade em foco e não trazer à luz o passado tal como ele ocorreu.

Na pesquisa qualitativa, cabe ao pesquisador analisar o objeto de sua pesquisa, interpretar os dados obtidos, descrever sujeitos e cenários, a fim de obter conclusões sobre seus significados, pois, segundo Creswell (2007, p. 186) a pesquisa qualitativa “é fundamentalmente interpretativa”. Ainda, segundo o autor, isto significa que o “pesquisador filtra os dados através de uma lente pessoal situada em momento sociopolítico e histórico específico”, não sendo possível evitar suas interpretações individuais (CRESWELL, 2007, p. 187). Neste caminho, cabe ao pesquisador envolver-se no cotidiano dos sujeitos, visto que os resultados para uma boa pesquisa dependem diretamente da “sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador” (GOLDENBERG, 2004, p. 53).

Encontramos na pesquisa histórica, portanto, uma possibilidade de compreendermos e registrarmos uma versão acerca das representações culturais dos árbitros de futebol, tendo a História do Esporte como alicerce para o estudo. Vamplew (2013, p. 6), discorre que “a história do esporte pode ser considerada a memória esportiva de uma nação”, pois, para que saibamos qual será o futuro do esporte, é fundamental sabermos por onde ele esteve. A História

do Esporte, deste modo, não traz à luz tão somente relatos de pessoas e/ou acontecimentos passados. De outra forma, nos faz identificar e compreender as contribuições aos campos específicos relacionados aos objetos investigados (educação física, lazer, esporte, etc.), bem como a relevância dessas práticas para a sociedade como um todo (VAMPLEW, 2013).

As informações para a construção desta pesquisa foram reunidas através de distintos procedimentos. Para tanto, nos tópicos a seguir, explicaremos como ocorreu a captação, organização e posterior análise de cada um dos materiais que compõem esta pesquisa. São eles: a) Revisão de literatura; b) Documentos Oficiais; c) Jornais, Revistas e Almanques; d) Imagens; e) Entrevistas; e após, será feita a interpretação dos dados obtidos.

a) Revisão de literatura

Estar familiarizado com o campo a ser estudado é fundamental em uma pesquisa, pois para que surjam novas ideias e concepções, é preciso estar baseado em um conhecimento pré-existente (FLICK, 2013). Para evidenciar o árbitro de futebol e suas representações como tema central de nosso estudo, foi realizada uma revisão de literatura acerca do tema, para então, juntamente com os demais materiais de pesquisa, confrontarmos as informações obtidas. Barros (2009, p. 55) aborda a importância da revisão bibliográfica como um “diálogo historiográfico e científico”. Ainda, segundo o autor, a revisão da literatura já existente “poderá contribuir precisamente para apontar lacunas que o pesquisador poderá percorrer de maneira inovadora” (BARROS, 2009, p. 55).

A revisão abrange artigos, livros, dissertações de mestrado, e teses de doutorado, os quais foram localizados em bases de dados como no Google Acadêmico, Repositório Digital da UFRGS (LUME), portal Scielo, bem como no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Nas bases de dados mencionadas, há registros de estudos em português, tanto de Portugal quanto do Brasil, e em inglês, que contemplam a temática. Há, também, artigos que, através da leitura a seus títulos, resumos e palavras-chave, foram selecionados e contribuíram para a construção desta pesquisa.

b) Documentos Oficiais

Para a realização desta pesquisa histórica, foram reunidas informações em fontes impressas, por meio de pesquisa documental. Nesse sentido, foram consultados documentos oficiais da Federação Gaúcha de Futebol (FGF) e do Sindicato de Árbitros de Futebol do Rio Grande do Sul (SAFERGS). Os pressupostos de Bacellar (2008) servem de suporte para o processo de fichamento e análise das fontes impressas. Nesta direção, é importante que se entenda o documento pesquisado, sua história, quem o redigiu, com que propósito, pois, “contextualizar o documento que se coleta é fundamental para o ofício do historiador”, pois, documento nenhum não é neutro, visto que “carrega consigo a opinião da pessoa e/ou do órgão que a escreveu” (BACELLAR, 2008, p. 63).

Ainda conforme menciona Bacellar (2008), o documento impresso no passado não foi elaborado para os pesquisadores do presente, mas, sim, para atender as necessidades específicas daquela época, cada qual com sua peculiaridade. Cabe, então, ao pesquisador compreendê-lo e analisá-lo sem perder de vista o contexto histórico no qual fora produzido. Neste sentido, faz-se necessário refletir acerca de palavras e expressões presentes nestes materiais, especialmente por estas possuírem, por vezes, sentidos distintos, que mudam de tempos em tempos (BACELLAR, 2008).

c) Jornais, Revistas e Almanques

Abordando jornais, revistas e almanques como fontes de pesquisa documental, as sugestões de Luca (2008), também servem de aporte a nossa pesquisa. Jornais como “A Opinião Pública” e “Diário Popular”, de Pelotas, “Correio do Povo” e “Diário de Notícias”, de Porto Alegre, bem como “A Plateia”, de Santana do Livramento, foram analisados em nossa pesquisa. É através destes periódicos de “apresentação cuidadosa, de leitura fácil e agradável”, que poderemos observar acontecimentos esportivos, sociais, crônicas e demais fatos da sociedade local e do mundo (LUCA, 2008, p. 121). Contudo, “é importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes”, uma vez que, para se valer da palavra como instrumento, pessoas ou grupos, financiavam suas produções e publicações (LUCA, 2008, p. 133).

Outro ponto destacado por Luca (2008) que está sendo considerado, é o cuidado com as multifacetadas destes impressos. Algumas revistas impressas no início do século passado, por exemplo, se denominavam como “variedades”, com o intuito de atingir públicos variados. Porém, a “variedade”, poderia ser, ao mesmo tempo, feminina ou masculina, infantil ou adulta, pedagógica ou esportiva, fazendo com que houvesse uma caracterização por parte da revista, ocultando suas nuances e particularidades.

d) Imagens

As fontes imagéticas que utilizamos em nosso estudo são oriundas das fontes impressas ou fotografias de acervos pessoais de árbitros e entidades representativas do esporte. Para além das plataformas de pesquisas já citadas, a *Internet* serviu como meio para obtenção de materiais iconográficos, uma vez que registros históricos de jogos, competições e viagens são comumente veiculados neste espaço. Burke (2005), ao tratar de evidências através de imagens, afirma que são formas pelas quais indivíduos ou grupos veem o mundo social, incluindo seu mundo imaginário. Desta forma, as imagens coletadas auxiliarão na contextualização da escrita dessa pesquisa, ao passo que esta evidência imagética, também deverá ser colocada em seu contexto (político, cultural, material, etc.) (BURKE, 2005).

e) Entrevistas

A partir da realização de entrevistas semiestruturadas com árbitros e árbitros assistentes que atuaram no período estabelecido já citado, almejamos que, através de seus testemunhos, seja possível elucidar suas memórias referentes aos seus percursos como árbitros de futebol. Conhecidas são as entrevistas de jogadores, dirigentes e outras autoridades do futebol, mas o árbitro, por estar à margem do protagonismo, só é ouvido quando vem à tona um lance polêmico da partida. Alberti (2008, p. 155) bem expressa nosso anseio em dar voz ao árbitro quando diz que a “história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a histórias dentro da história e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”. Assim, manifestando histórias dentro de histórias, que o passado poderá ser contado através dos olhos e da voz de quem o vivenciou (GOLDENBERG, 2004).

Para Freitas (2006, p. 18) a história oral é “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. Ainda, segundo a autora, a história oral tem como premissa gerar fontes históricas, tendo a mesma importância que fontes impressas, como um jornal ou um documento arquivado.

Alberti (2008, p. 171), afirma que “o trabalho de produção de fontes orais pode ser dividido em três momentos: a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento”. Desta forma, é importante que haja uma preparação prévia da entrevista, um roteiro, por exemplo, pois “todo entrevistador precisa saber como conduzir a sua entrevista, as questões mais importantes a serem perguntadas e até onde ir nessa entrevista” (FREITAS, 2006, p. 88). Corroborando, Goldenberg (2004), expressa a importância do roteiro, para que estejamos atentos para não ir além do que se pode perguntar, mas, também, não ficar aquém do que é possível.

Antecedendo as entrevistas, mencionamos que foi enviada ao presidente da Comissão Estadual de Árbitros de Futebol do Rio Grande do Sul (CEAF-RS), uma carta de apresentação (APÊNDICE A), a fim de termos sua anuência para a realização das mesmas. As entrevistas, por sua vez, foram previamente agendadas e cada sujeito entrevistado assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C), enviado previamente à entrevista e lido no dia da mesma. Para a realização das entrevistas, elaboramos um roteiro com sete questões, além de um quadro de identificação para cada árbitro (APÊNDICE B). Os temas centrais das questões norteadoras foram a aproximação da arbitragem de futebol e os percursos enquanto árbitros, onde buscamos conhecer suas memórias acerca de suas experiências pessoais e profissionais.

Foram entrevistados 6 profissionais de arbitragem que foram vinculados à FGF. São eles: três árbitros que de fato atuaram no período demarcado em nossa pesquisa; dois filhos de árbitros que atuaram no período demarcado em nossa pesquisa; um árbitro que vivenciou a trajetória da arbitragem de futebol no Rio Grande do Sul. O critério de inclusão dos entrevistados foi a atuação e/ou vivência com a arbitragem de futebol, sendo vinculado a FRGF/FGF, entre as décadas de 1960 e 1980. Abaixo, segue um quadro com a caracterização dos árbitros que compõem nosso estudo, por ordem alfabética:

Quadro 1 – Árbitros da FGF

Nome (conhecido como)⁴	Início na FRGF / FGF	Período de atuação
Agomar Martins Röhrig	1958	1960 / 1980
Carlos Augusto Kruse (Kruse)	1981	1980 / 1990
José Luis Barreto* (Barreto)	1962	1960 / 1980
Jutimiano Gularte	1969	1960 / 1990
Luiz Moura Guaranha* (Guaranha)	1969	1960 / 1980
Orion Satter de Melo	1965	1960 / 1990
Silvio Rodrigues	1966	1960 / 1990
Zeno Escobar Barbosa	1965	1960 / 1990
<i>*Falecido</i>		

Fonte: Elaborado pelo autor.

Além dos árbitros entrevistados, outros foram contatados, assim como familiares diretos dos que já faleceram. Porém, não foi possível realizar as demais entrevistas por diferentes razões, que são: não gostariam de participar da pesquisa; postergar a entrevista e não atender as ligações; combinar a entrevista e só ajudar com materiais fotográficos. Cabe ressaltar que, em grande parte das entrevistas, as perguntas seguiam a ordem que o roteiro propunha. Contudo, com o andamento das mesmas, novas questões surgiram, integrando o roteiro original. Abaixo, em um quadro com o tempo de entrevista, as ilustramos com a de menor tempo, até a com o maior tempo de gravação. As entrevistas tiveram um total de quatro horas, 29 minutos e 23 segundos.

Quadro 2 – Tempo de entrevistas com os árbitros

Nome do árbitro	Tempo
Alexandre Lourenço Barreto	29min05seg
Silvio Rodrigues	32min21seg
Luís Roberto Porto Guaranha	35min
Zeno Escobar Barbosa	44min47seg
Carlos Augusto Kruse	50min32seg
Justimiano Gularte	1h17min38seg

Fonte: Elaborado pelo autor.

⁴ Ao longo do texto, os árbitros entrevistados serão chamados conforme seus próprios nomes ou como eram conhecidos no quadro de árbitros.

Para a gravação das entrevistas, utilizamos distintas ferramentas tecnológicas de acordo com a acessibilidade que tivemos frente ao atual momento de pandemia de Covid-19. Dentre elas estão: aparelho celular, para entrevista via contato telefônico; notebook, para entrevista via vídeo conferência; um gravador digital de voz, que serviu de auxílio nas gravações; uma câmera filmadora, para que pudéssemos, além dos registros de voz, coletar e analisar imagens, expressões faciais e corporais dos entrevistados, pois assim, é possível captar gestos, expressões e sentimentos (FREITAS, 2006). As entrevistas, depois de gravadas, foram transcritas e transformadas, deste modo, em documentos, os quais foram interpretados. Analisando cada transcrição, tentamos manter o discurso dos entrevistados o mais próximo possível ao original, conservando o estilo informal da linguagem falada. Por fim, as entrevistas realizadas ficarão arquivadas no Centro de Memória do Esporte (CEME), da Universidade Federal do Rio Grande do SUL (UFRGS), bem como no Repositório Digital da UFRGS (LUME).

Após a apresentação das fontes que foram consultadas para a realização deste trabalho, apresentamos as informações a respeito da interpretação dos resultados. A análise das entrevistas apoiou-se nos processos recomendados por Flick (2013). Através da Análise Temática de Conteúdo proposta por Flick (2013), analisamos e descrevemos trechos das entrevistas, observando e identificando os termos mais utilizados, a fim de elaborarmos categorias de análise. Após esta etapa, realizamos o confronto das informações obtidas por meio da literatura produzida acerca desta temática, que nos permitiu organizá-las em três categorias: a) Aproximação com a arbitragem de futebol; b) Carreira dos árbitros na FRGF/FGF e CBD/CBF; c) Relação entre o árbitro e a mídia.

4 HOMENS DE PRETO, UM PANORAMA HISTÓRICO

A partir da revisão bibliográfica realizada para o desenvolvimento desta pesquisa, neste capítulo, traremos um panorama histórico acerca dos árbitros de futebol no Rio Grande do Sul. Para Gutiérrez e Voser (2012), mesmo não podendo marcar gols, o árbitro é peça fundamental em uma partida de futebol. De Henrique Faillace, nos campos de futebol amador em 1920, até Anderson Daronco, árbitro pertencente ao do quadro da FIFA em 2021, a escola de arbitragem sul-rio-grandense sempre foi reconhecida por formar árbitros que se destacam a nível regional, nacional e internacional. Um exemplo é Carlos Eugênio Simon, único árbitro brasileiro a atuar em três Copas do Mundo, Coreia do Sul/Japão (2002), Alemanha (2006) e África do Sul (2010) (FERLA, 2018).

Dos tempos românticos em que os mais respeitados comerciantes locais apitavam os jogos até o período recente em que os árbitros assistentes de vídeo se tornaram realidade, o Rio Grande do Sul tem uma escola brilhante de juizes de futebol (Ferla, 2018, p. 68).

Segundo Saldanha (1971), antes mesmo do aparecimento da figura do árbitro de futebol, quem comandava as partidas era uma comissão posta em um palanque, que somente se posicionava ou interferia no jogo, mediante reclamação de uma das equipes. Algumas vezes, a manifestação da comissão era respeitada pelas equipes e espectadores. Em outros casos, o palanque e a comissão eram postos abaixo por membros da equipe e até mesmo do público que assistia ao jogo devido a insatisfação com a posição manifestada pela comissão. Para evitar que todos reclamassem à comissão ao mesmo tempo, criou-se o “reclamador”, representado por um atleta de cada equipe, que, para se distinguirem dos demais, usavam um boné. Este acontecimento desencadeou, posteriormente, a criação do capitão em cada uma das equipes. Saldanha (1971), ao tratar de equipes inglesas menciona que, quando estas saíam para jogar em outro país, um de seus atletas era designado como *cap*, que significa boné em inglês, sendo então confundido com *captain*, o significado de capitão na língua inglesa.

As primeiras “regras” do futebol foram criadas em 1863, pela *Football Association (FA)*⁵, com a codificação de 14 normas, que, alguns anos depois, tornariam-se as regras oficiais do futebol. Entretanto, notou-se que somente as regras não bastavam, pois as discussões durante as partidas e as inúmeras desavenças persistiam nos jogos de futebol. Foi então que surgiu a formalização da figura do árbitro de futebol, pois era preciso alguém com autoridade e que impusesse as regras do jogo, mantendo a “ordem”. De acordo com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD, 1978), apenas em 1868, cria-se o árbitro, depois de diversas modificações sofridas pelo futebol. Almeida (199?), afirma que “os primeiros juízes de futebol utilizavam irrepreensíveis calças vincadas, bem cortadas e jaquetas, que corriam pelos campos enlameados parando o jogo a gritos quando achavam que teria sido cometida uma falta”.

O início do século XX foi marcante na formação de diversos clubes de futebol em todo o Brasil. Na região sul do estado do Rio Grande do Sul foi fundado o Sport Club Rio Grande, na cidade de Rio Grande, no ano de 1900. Por esta razão, é considerado até o tempo presente, como o primeiro clube de futebol criado no Brasil. Rigo (2013) qualifica o clube de Rio Grande/RS como “Embaixador” do futebol que, após sua fundação, passou a realizar partidas demonstrativas em festas esportivas de distintas cidades, contribuindo para a criação de novas equipes. As cidades de Rio Grande, Pelotas, Bagé e Porto Alegre, além de outras cidades da região, estavam entre as participantes destes eventos esportivos. Porém, em Santana do Livramento e Uruguaiana, antes mesmo de 1900, também emergiam como cidades adeptas à prática do futebol (JESUS, 2000).

Com a expansão do futebol no Rio Grande do Sul, nem sempre quem arbitrava as partidas eram árbitros que atuavam somente nesta função. Com o futebol em plena expansão em diversas regiões do estado, não havia árbitros na mesma proporção das partidas, tampouco cursos preparatórios para a atividade. Em muitos casos, pessoas reconhecidas da sociedade, desportistas em destaque, dirigentes de delegações ou pessoas comuns, eram responsáveis pela arbitragem dos jogos (SILVA; RODRIGUEZ-AÑES; FRÓMETA, 2002). Há exemplos dessa prática em notas esportivas de jornais do início do século XX,

⁵ Federação Inglesa de Futebol, a federação mais antiga do mundo, fundada em 1863.

como A Opinião Pública e Diário Popular, ambos da cidade de Pelotas/RS. Ao final da matéria, na qual apresentavam-se os fatos relacionados à partida, os jornais informavam à população quem havia atuado como árbitro ou, como era chamado na época, o “juiz” da partida. Em uma de suas edições, A Opinião Pública (1908, p. 01) escreve que “os valentes atletas Carlos Dias e Antonio Durval Carvalho, jogadores do Progresso, foram os que fizeram golos. Serviu de árbitro o Sr. Domingos Azevedo, jogador do Esperança”. O jornal Diário Popular (1908, p. 02) relata que “serviram de árbitros os desportistas Affonso Pinheiro e Curt Rheingantz. Assistiram aos jogos, como fiscais da Liga, os Srs. Peckmann e Antônio Röhnett”.

Com a fundação da FRGD em 1918, os torneios municipais que até então eram disputados em diversas regiões do estado, unem-se à entidade, a fim de organizarem um torneio estadual. Para Ferla (2018), o início das competições organizadas pela FRGD, também demarca o período em que os árbitros começaram a ter espaço no cenário do futebol do Rio Grande do Sul. Entre as décadas de 1920 e 1940, dois árbitros ganharam destaque em razão de suas atuações nos gramados do estado, Oswaldo Azzarine Rolla, o Foguinho, que fora jogador do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre, e Henrique Maia Faillace, este que atuava somente como árbitro de futebol (GASPARETTO; MANHAGO; DIVERIO, 2018). Contudo, Faillace foi quem se destacou a ponto de ser reconhecido nacionalmente pelo seu trabalho como árbitro de futebol. Com apenas um metro e sessenta de altura e pesando mais de cem quilos, Faillace era conhecido como o “rei do apito” e atuou entre as décadas de 1930 e 1940, sendo o responsável por arbitrar jogos de várzea⁶, jogos estaduais e, por conta de suas atuações, foi convidado a dirigir jogos em outros estados do Brasil.

⁶ Os jogos de “várzea” no início do século XX representavam jogos disputados em praças ou parques de bairros pelas cidades do estado do Rio Grande do Sul e tinham por característica o cunho amador (RIGO; JAHNECA; DA SILVA, 2010).

Figura 1 – Henrique Maia Faillace.



Fonte: Ferla, (2018, p. 68).

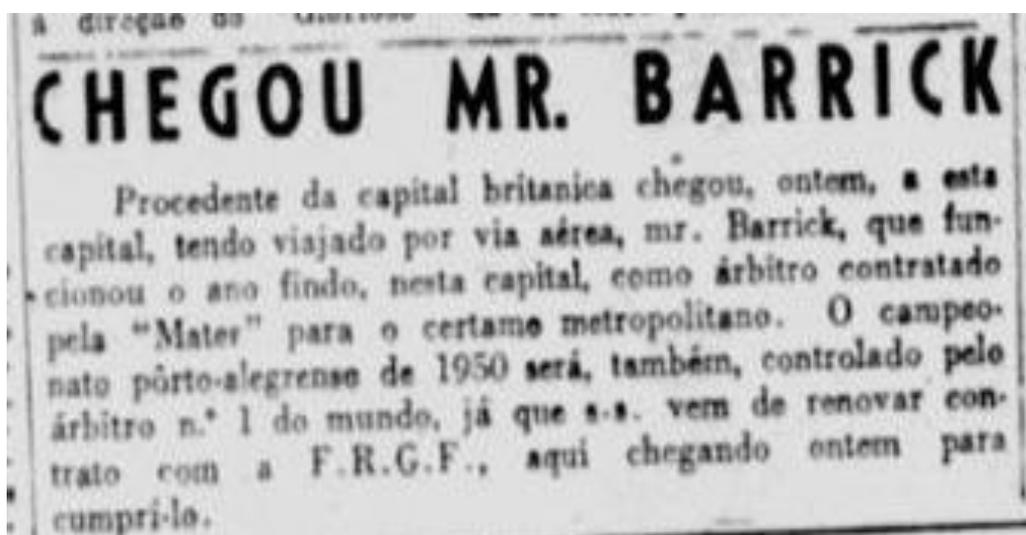
Ainda que atualmente não seja reconhecida como uma profissão regulamentada, a arbitragem de futebol no Rio Grande do Sul, iniciou seu processo de profissionalização no início da década de 1940. Foi a partir do Decreto de Lei 3.199, de 1941 (BRASIL, 1941), no qual as federações, ligas e associações passam a estar sob tutela do Conselho Nacional de Desportos⁷ (CND), que a FRGD se divide e cria uma entidade específica para tratar do Campeonato Gaúcho e de demais assuntos referentes ao futebol no Rio Grande do Sul, a Federação Rio-Grandense de Futebol (FRGF). É então, que ao final da década de 1940, a FRGF, contrata árbitros ingleses para comandarem as partidas do campeonato municipal e estadual, fazendo com que a entidade, iniciasse um processo de renovação e aperfeiçoamento de seu quadro de árbitros (FERLA, 2018).

A imprensa escrita aguardava com anseio a chegada dos ingleses ao Brasil. Elogiados pelos jornais por conta de suas atuações em jogos intercontinentais, as especulações tornavam-se presentes nos cadernos

⁷ Instituído no Ministério da Educação e Saúde, o Conselho Nacional de Desportos destinou-se a orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo o país. Nomeados pelo Presidente da República, os membros do conselho eram “pessoas de elevada expressão cívica”, que representassem o movimento desportivo nacional (BRASIL, 1941).

esportivos. O Jornal do Dia (1947, p.7), ao falar do inglês John Barrick, discorre que “o juiz britânico Barrick, que mereceu elogiosas referencias de todos, admitiu que muito provavelmente estará em condições de atuar no Brasil, em 1948”. O principal intuito da contratação dos árbitros ingleses para o Rio Grande do Sul, era a transmissão de seus conhecimentos. Contudo, a estética também sofreu impactos e mudanças que até hoje estão presentes no dia a dia dos árbitros, como, por exemplo, calções pretos, ao invés de calças brancas, camisetas de mangas curtas, ao invés de longas e meiões brancos.

Figura 2 – A chegada de Barrick.



Fonte: Jornal do Dia, (1950, p.07).

A lista dos árbitros a serem contratados da Inglaterra continha oito nomes, entre eles, dois obtiveram maior reconhecimento, Fred Lowe e Cyril John Barrick. Fred Lowe foi o primeiro inglês a comandar uma partida de futebol em Porto Alegre. A partida entre Internacional e Nacional aconteceu no dia 8 de agosto de 1948, na Chácara das Camélias⁸, um dos primeiros estádios de futebol da cidade, inaugurado em 1923 (OLIVEIRA; MAZO; SOARES, 2013). Contudo, o árbitro inglês que mais se destacou nos gramados sul-rio-grandenses, foi Barrick. Mister Barrick, como era comumente noticiado nos jornais, ganhou o

⁸ O Estádio da Chácara das Camélias foi construída em 1923, no bairro Menino Deus, pelo pioneiro *Fuss-Ball Club* Porto Alegre, em substituição ao campo da União Velocipédica, no bairro Floresta, e foi a sede do clube até 1942, posteriormente vendido ao Nacional Atlético Clube, que encerrou suas atividades em 1958 (OLIVEIRA; MAZO; SOARES, 2013).

apelido de “o número 1 do mundo”, pelos jornais locais, por conta de suas atuações no exterior, nos jogos municipais, no Campeonato Gaúcho e por ser requisitado com frequência em jogos no centro do país (CORREIO DO POVO, 1950).

Quase uma década depois, árbitros estrangeiros ainda atuavam nos principais jogos do campeonato no Rio Grande do Sul. Na segunda metade da década de 1950, após uma reunião no Departamento de Futebol da Capital (DFC) com os clubes participantes, houve a indicação de árbitros Argentinos à FRGF, fato este, que acabou por deixar de fora do quadro alguns árbitros sul-rio-grandenses (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1957). Ainda assim, neste mesmo ano, o então diretor do DFC e presidente do Grêmio Esportivo Renner, Mário Azevedo, sugere a FRGF a criação de uma Escola de Árbitros, onde nela haveria um diretor e um professor especializado para ministrar os cursos. Foi então, em 1958, criada a Escola de Árbitros de Futebol (EAF) da FRGF, um departamento autônomo, ligado diretamente a presidência da entidade e que tinha como objetivos formar, aperfeiçoar e padronizar a arbitragem.

Com a EAF tornando-se realidade, a proposta de Mário Azevedo de organizar o primeiro curso de arbitragem de futebol ganha força na FRGF. É então que, a Escola de Árbitros da FRGF publica a seguinte nota:

De ordem do Sr. Diretor desta Escola, Professor Alvaro Figueiredo Paz, torno público que se acham abertas, de 26 do corrente a 4 de julho do próximo, as inscrições para o concurso de habilitação dos candidatos ao CURSO DE FORMAÇÃO DE ÁRBITROS DE FUTEBOL, que funcionará a partir de 15 de julho (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1958, p. 11)

Inicialmente marcado para começar em julho, o primeiro curso de árbitros teve seu início em setembro, devido ao grande número de interessados. Os pré-requisitos⁹ de inscrição e de seleção, fizeram com que o número de árbitros inscritos no primeiro curso fosse de 18 participantes. O curso teve duração de dois anos, iniciando em 1958 e finalizando em 1959. Durante este

⁹ Como pré-requisitos para inscrição no curso, os candidatos deveriam apresentar os seguintes documentos: A) Documento que prove ser maior de 18 anos e menor de 35; B) Apresentar folha corrida policial; C) Prova de conclusão do 1^a ciclo do ensino médio; D) Prova de qualidade de empregador, diretor de estabelecimento de ensino, conforme o caso, ou por três desportistas, se estabelecido por conta própria; F) Facultativamente, quaisquer outros documentos que atestem qualidades morais ou intelectuais do candidato, além do certificado de reservista e do título de eleitor (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1958, P. 11)

período, os jovens árbitros eram convocados a atuarem em partidas amistosas, para que, então, fossem feitas avaliações iniciais sobre seu trabalho. Em 9 de agosto de 1959, no campo do Renner, ocorreu a prova final do curso. Sob as instruções do professor Waldyr Echart, os formandos teriam de arbitrar um “torneio entre cinco equipes de destaque da segunda e terceira categorias do futebol amador local” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1959, p.3). Durante uma reunião na sede da FRGF, já no ano de 1960, foram entregues os diplomas aos quatorze árbitros que concluíram o curso da turma de 1959.

Com a realização do primeiro curso de árbitros sob os cuidados da FRGF, a partir de 1960, a entidade desenvolve mais cursos, passando a formar um número maior de árbitros, cujas atuações ganham destaque nos torneios regionais, sendo que, alguns destes, tiveram a oportunidade de ingressar no quadro nacional e até mundial. O trio ABC, formado por Agomar Martins, José Luís Barreto e José Cavalheiro de Moraes, foi o responsável por dirigir os jogos mais importantes do estado neste período. Dentre estes novos árbitros, Agomar Martins Röhrig, que esteve presente no curso de 1958, foi o que teve maior ascensão na carreira. Militar, passando a integrar o quadro da CBD, e, posteriormente, chegando ao quadro da FIFA em 1968 (CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO, 2018). Entre os árbitros assistentes, comumente chamados de bandeirinhas, que obtiveram maior notoriedade, estava a dupla de “Gularte”, Justimiano Gularte e Hermínio Goulart. Justimiano e Hermínio atuaram por mais de cinco anos juntos, com diferentes árbitros do quadro FRGF/FGF, bem como do quadro CBD/CBF.

5 O ÁRBITRO EM CAMPO: MEMÓRIAS DOS “APITADORES”

Neste capítulo, a partir da análise das informações coletadas e categorizadas, apresentamos uma discussão dos resultados obtidos. Estes, nos permitiram dividi-los em três categorias de análise, que são: a) Aproximação com a arbitragem de futebol; b) Carreira dos árbitros na FRGF/FGF e CBD/CBF; c) Relação entre o árbitro e a mídia.

Nos subtópicos abaixo, apresentamos as categorias encontradas, amparadas no referencial teórico utilizado em nossa pesquisa, bem como na revisão bibliográfica realizada.

a) Aproximação com a arbitragem de futebol

Este subcapítulo versa sobre a aproximação dos árbitros de futebol com o esporte, assim como, com a atividade da arbitragem. A partir das entrevistas realizadas, iremos propor uma discussão com a revisão de literatura realizada, trazendo à luz as diferentes formas com que os árbitros entrevistados se interessaram pela arbitragem.

Escolher ser árbitro de futebol, atualmente, parece uma escolha um tanto quanto equivocada, se olharmos do ponto de vista da pressão psicológica, social e midiática que sofre um profissional da arbitragem. Para além, ser árbitro no tempo presente, requer conciliar uma dupla ou tripla jornada de trabalho dentro e fora do campo de jogo, visto que, muitos exercem outras profissões paralelas à arbitragem e, ainda, devido as viagens, jogos, treinos e pré-temporadas, acabam por acumular seus compromissos familiares (BOSCHILIA; MARCHI JUNIOR, 2020). Neste sentido, a arbitragem normalmente surge como uma segunda opção de trabalho, pois há uma função ocupacional em outro trabalho que possa garantir o sustento do profissional. A respeito das questões psicológicas e emocionais acerca da escolha em ser árbitro, De Souza escreve:

[...] a função exige dele um ótimo preparo físico, técnico, psicológico, e social, e ainda cobra, que ele divida seu tempo entre trabalho, família, estudos, treinos, e está sujeito a pressões de vários segmentos (própria Federação, treinadores, jogadores, mídia, torcedores, clubes, entre outros) (DE SOUZA, 2016, p. 126).

Ao entrevistar árbitros que atuaram na Federação Mineira de Futebol,

Correia (2019) discorre que é impossível explicar a escolha em ser árbitro, pois esta é uma atividade que está alheia à vontade do ser humano, é um dom que nasce com o sujeito. Mesmo o futebol sendo um dos esportes que mais movimenta o mercado financeiro, o interesse em atuar como membro de uma equipe de arbitragem, acaba indo de encontro ao universo destas grandes cifras (BOSCHILHA; VLASTUIN; MARCHI JUNIOR, 2008). O retorno financeiro é, dentre alguns, um dos fatores motivacionais para o ingresso na atividade de árbitro de futebol. Alves (2011) afirma que, é possível citar outros fatores motivadores para tal escolha, como a paixão pelo futebol, incentivo de pais e amigos e até mesmo o “gostar de fato da atividade”.

Diretamente ligada ao futebol, a arbitragem surge como uma segunda oportunidade para aquele que planejava seus objetivos pessoais e profissionais sendo construídos através do esporte. Em um estudo sobre a percepção do significado de arbitrar, com árbitros do quadro da FIFA, Ferreira e Brandão (2012, p. 232), descrevem que a decisão pela escolha em atuar dentro das quatro linhas, é diretamente ligada a “fazer parte do show”, estar conectado e inserido emocionalmente ao espetáculo. Ainda de acordo com os autores, a paixão pela modalidade, indica que a arbitragem e o futebol, geram, em si, emoções especiais, que conduzem a uma satisfação de determinados objetivos de vida e esportivos. Horn (2015) ao tratar da carreira de árbitros de futebol no Rio Grande do Sul, relata que, diferentemente de outras profissões, a arbitragem não possui um período de experimentação na infância ou adolescência, permitindo um desenvolvimento específico para a atividade. Com isso, a paixão pelo esporte, se reflete por meio do prazer em fazer parte do mesmo, assisti-lo e vivenciá-lo, transformando o gosto pelo esporte, em profissão.

A proximidade e prática do futebol, foram as principais formas de aproximação à arbitragem encontradas através das entrevistas realizadas com os árbitros de futebol para esta pesquisa. Dos seis entrevistados, apenas um não teve experiência como jogador de futebol em categorias de base ou em jogos amadores. Destes, Silvio foi o que adquiriu interesse pela arbitragem através da prática de seu irmão, que fora jogador profissional de diversos clubes pelo estado, sendo incentivado por um amigo a se inscrever no curso de árbitros. Guaranha, por sua vez, atuou em diversas modalidades esportivas antes de ingressar como árbitro, sendo atleta do exército e da Sociedade Amigos de

Tramandaí (SAT), participando de competições amadoras de futebol, basquete e vôlei. Já Barreto, Kruse, Silvio e Zeno, foram atletas de futebol em clubes amadores e profissionais do Rio Grande do Sul, assim como Agomar Martins, ao dar seu relato em entrevista ao jornal Marca da Cal (2008). Clubes como Bandeirantes, Mauá, Renner e Tristezense, estiveram entre aqueles que, por um pequeno espaço de tempo, fizeram parte da trajetória destes cinco árbitros supracitados, como atletas de futebol.

Se na grande maioria dos casos a paixão e a ligação com o futebol são fatores motivacionais para a aproximação com a arbitragem, podemos considerar o caso do árbitro Silvio Rodrigues como um exemplo a parte. A arbitragem de futebol é uma atividade geradora de emoções importantes para a prática, assim como para a carreira e para o árbitro inserido nela (FERREIRA; BRANDÃO, 2012). Ao destacar o início de sua trajetória, Silvio conta que gostava de futebol, sentia prazer ao ver os jogos, mas que jogar para ele era apenas uma brincadeira, sem compromisso algum. As experiências e vivências que tinha do futebol vinham de casa, através de seu irmão que era jogador profissional. Selmar, irmão de Silvio, iniciou sua carreira na cidade de Guaíba, passando posteriormente, a atuar por diversos clubes do estado, como Grêmio, Internacional, Rio Grande e São José (RODRIGUES, 2021, p. 2).

Silvio relata que um amigo, o qual não lhe recorda o nome, que já havia feito curso de arbitragem, foi seu principal incentivador a procurar a FRGF. O árbitro diz que fez o “curso de arbitragem assim sem querer inclusive, na Federação, por intermédio de amigos meus. Um amigo meu inclusive tinha feito o curso de arbitragem e isso me entusiasmou bastante” (RODRIGUES, 2021, p. 1). Dois fatos foram destacados por Silvio em seu curso de 1966. O primeiro foi que, um dos ministrantes das aulas, o diretor da Escola de Árbitros, Sr. Ludendorfe Xavier, havia sido um dos alunos do primeiro curso organizado pela FGRF em 1958. Segundo Silvio, Ludendorfe atuou não só no curso de 1966, mas em diversos cursos ao longo dos próximos anos. Outro ponto enfatizado, foi a sua classificação no curso, o qual concluiu em terceiro lugar, ficando atrás de Carlos Martins, árbitro sul-rio-grandense que pertenceu ao quadro da FIFA e que detém o recorde de arbitragem em grenais, totalizando 27 partidas.

Figura 3 – Diploma do curso de 1966.



Fonte: Arquivo pessoal de Silvio Rodrigues, (1969).

Estar vinculado à alguma prática esportiva ou desenvolver suas competências, são fatores que contribuem para o querer ser árbitro de futebol (FERREIRA; BRANDÃO, 2012). Ainda, segundo os autores, a percepção de arbitrar vai ao encontro de superar limites, desafios, ir cada vez mais longe, é estar preparado física e psicologicamente. Neste sentido, Guaranha, ainda antes de profissional da arbitragem, foi esportista amador tanto no exército, quanto no esporte amador. Descrito por seu filho Luís Roberto como “um grande esportista”, Guaranha, enquanto militar, participou de provas de atletismo, tiro, futebol e vôlei, fora as modalidades não relatadas em vida por seu pai. No esporte amador, era frequentador da SAT, na cidade de Tramandaí (GUARANHA, 2021). Lá, segundo Luís Roberto, participou de quase tudo, sendo inclusive campeão de futebol praiano em 1960:

[...] desde criança, desde que eu me lembro por gente, eu me lembro dos amigos convidando o pai para jogar o esporte que tu imaginar. Lá em Tramandaí, onde a gente veraneia até hoje, eles iam lá e oh Guaranha vamos lá no vôlei? Vamos no vôlei. Oh Guaranha, basquete na SAT? Basquete na SAT, lá na Sociedade Amigos de Tramandaí.

Então o pai sempre foi um cara bem-quisto e tal e viveu no meio do esporte, tanto que o pai foi campeão praiano, mas no tempo do praiano de 1960 (GUARANHA, 2021, p. 02).

Ainda que não atuando em algum clube formador, Guaranha era conhecido por seu bom futebol entre os árbitros, passando a atuar em jogos dos times de árbitros da Associação Gaúcha de Árbitros (AGA), órgão antecessor ao SAFERGS. Acerca da escolha de seu pai em ser árbitro, Luís Roberto relata que, para muitos, quando o esporte ou o futebol fecha uma porta, a arbitragem acaba abrindo outra, mantendo assim o vínculo ativo com o esporte como um todo. A respeito dos árbitros que não seguiram no esporte, Guaranha (2021, p. 4) completa dizendo: "...eles eram bons de bola e o futebol não sorriu para eles, mas eles quiseram continuar no esporte e foram grandes árbitros".

Figura 4 – Árbitro Guaranha como atleta no futebol amador de Porto Alegre.



Fonte: Arquivo pessoal de Luís Roberto, (1950).

Ponto em comum entre os árbitros entrevistados, a não profissionalização ou falta de oportunidade no futebol, acabaram sendo preponderantes para a aproximação com a arbitragem. Para o árbitro de futebol, assim como os jogadores, há uma exigência de condicionamento físico e mental, aproximando ambas as práticas, fazendo com que haja uma transição mais natural entre elas (ROLIM, 2014). Ainda, segundo o autor, o exercer a função de árbitro de futebol

surge como uma oportunidade e um desejo de estar envolvido em um esporte de grande aceitação, não só no Brasil, como em outros países. Zeno Escobar, ao falar sobre o início de sua trajetória, relata que antes mesmo de se formar na escola de arbitragem, foi jogador de futebol amador no bairro onde morava, na zona sul de Porto Alegre. “Lateral direito muito ruim”, Zeno conta que atuou em dois clubes rivais do bairro Tristeza, o Bandeirantes e o Tristezense, sendo que, neste último, era morador vizinho do campo (BARBOSA, 2021, p. 2).

Para Zeno, “ter o futebol no corpo” é quase uma obrigação para quem quer atuar na arbitragem de futebol, pois este, para ele, foi o principal fator que contribuiu para sua escolha (BARBOSA, 2021, p. 3). Em 1965, a FRGF buscava renovar seu quadro de arbitragem, solicitando então ao professor Ludendorfe Xavier, que organizasse mais um curso de arbitragem. Naquele ano, segundo Zeno, formaram-se 68 árbitros de futebol, em sua grande maioria militares e com formação em Educação Física. Contudo, devido à dificuldade dos jogos e a falta de experiências, muitos desistiram, restando apenas quatro: José Cavalheiro de Moraes, Orion Satter de Melo, Roque José Gallas e Zeno Escobar Barbosa.

Embora tenha sido um clube com uma rápida participação no cenário esportivo do Rio Grande do Sul, com apenas 28 anos de existência, o Clube Esportivo Renner¹⁰, deixou importantes contribuições para o futebol no estado (HORN; MAZO, 2009). Os breves anos em que ficou em funcionamento, foram suficientes para que, alguns dos atletas que lá passaram, se tornassem árbitros de futebol. Agomar Martins, o primeiro árbitro FIFA do Rio Grande do Sul, conta que antes de iniciar sua carreira no exército e como árbitro, foi jogador de futebol amador e de categorias de base: “Quando garoto, joguei na várzea e comecei a apitar aí, eu jogava as partidas de fundo e apitava as preliminares. Joguei também nas categorias de base do Renner” (MARCA DA CAL, 2008, p. 4). Agomar ainda lembra que não era fácil ser árbitro de futebol naquela época, pois a FRGF trazia árbitros de fora para os jogos estaduais, não dando espaço para os recém-formados. Após concluir o primeiro curso oferecido pela FRGF, em 1960, para ganhar experiência, Agomar viajou pelo Brasil arbitrando diferentes

¹⁰ Fundado por industriários do grupo A.J. Renner, o Clube Esportivo Renner iniciou suas atividades em 1931. Conhecido como o “Papão de 54”, após ser campeão estadual vencendo as favoritas equipes do Grêmio e Internacional, encerrou suas atividades em 1954 após decisão da diretoria da empresa (HORN; MAZO, 2009).

campeonatos.

O sonho de ser jogador de futebol, transformou José Luiz Barreto em um árbitro de carreira exitosa. Alexandre, seu filho que também foi árbitro, conta que o sonho do pai sempre foi ser atleta profissional de futebol, contudo, as tarefas em casa para ajudar a mãe e os estudos, o impediram de seguir sonhando. Natural de cachoeira do Sul, Barreto mudou-se para Porto Alegre ainda novo, com três irmãs e sua mãe, que para garantir o sustento, engomava roupa e cozinhava para os militares. Ao chegar, Barreto tentou ser jogador de futebol nas categorias de base do Renner, onde, segundo ele, “atuava como um centromédio clássico, jogava com a cinco (BARRETO, 2020, p. 3). Ao contar sobre o motivo pelo qual Barreto abdicou da carreira como atleta, Alexandre diz:

E, naquela época então, ele tinha o tempo de estudar, tinha que jogar bola e tinha que ajudar a minha avó na entrega das viandas para os militares na época. E o sonho dele sempre era jogar futebol, quer dizer, não dava tempo de ajudar nas atividades de casa e conciliar com o futebol, tanto que a minha avó não deixou ele jogar. Eu me lembro que na época ele recebeu, ele trabalhava numa farmácia também. Histórias contadas por ele, quando ele chegou até arbitragem, é que ele foi convidado para jogar no Internacional, por Arthur Dallegrove na época, e aí a minha avó não aceitou que ele largasse o trabalho em detrimento do futebol (BARRETO, 2020, p. 3).

A falta de incentivo familiar para ser atleta de futebol profissional, fez com que Barreto buscasse alguma atividade que ainda assim estivesse conectada de alguma forma com o meio esportivo, caminho este que, segundo Ferreira e Brandão (2012, p. 232), “aparece como uma possibilidade de estar envolvido com o futebol de uma maneira que não a de jogador ou treinador, e também uma forma de contribuir para a modalidade”. Os autores destacam ainda que, estar envolvido com o futebol, neste caso, significa participar na modalidade por apreciar o esporte e, contribuir para o esporte, sugere uma colaboração à modalidade esportiva, seja durante ou ao final da carreira, com cursos para novos árbitros, gestão de carreira e qualificação.

Antes de se tornar árbitro, Barreto passou em um concurso público, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde atuou por 32 anos no Instituto de Física. Diferentemente dos dias atuais, uma das exigências impostas pela FRGF aos árbitros, para a obtenção da certificação do curso, era que o então candidato tivesse um emprego ou uma remuneração fixa. Assim, em 1962, Barreto fez o curso de árbitros, logo ascendendo ao quadro principal da FRGF e

da CBD. Em seus primeiros anos como árbitro de futebol, Barreto organizava encontros e recebia grupos de árbitros em sua casa, onde ali, segundo Alexandre, seu filho, seriam as primeiras reuniões da AGA, a qual Barreto foi um dos fundadores e presidente posteriormente.

Uma das maiores dificuldades dos árbitros que trabalham a nível nacional, é a ausência no trabalho, pois além das escalas serem divulgadas com pouco tempo para organização e remanejamento da jornada, grande parte dos jogos são em outros estados, fazendo com que os árbitros viagem com uma certa antecedência para a partida (BOSCHILIA; MARCHI JUNIOR, 2020). Contudo, para um já formado em ciências contábeis, Justimiano Gularte, esse não era um problema. Também ligado ao futebol quando criança e adolescente, o então contador, iniciou sua carreira na arbitragem com 23 anos de idade. Justimiano conta que não havia lhe passado na cabeça ainda a ideia de ser árbitro de futebol, mas que, ao ler no ônibus, um anúncio do curso de árbitros, disse ao seu cunhado que o acompanhava: “como eu gostava muito de futebol, eu digo, não, eu vou fazer esse curso, vou fazer e vou ser árbitro de futebol” (GULARTE, 2021, p. 7).

Em 1969, ao entrar pela primeira vez no curso da FRGF, deparou-se com Ludendorfe Xavier, então professor e presidente da Escola de Árbitros, que havia sido seu professor no ginásio, da escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Neste ano, a concorrência estava grande, pois inscreveram-se 150 candidatos, para apenas 60 vagas. Ludendorfe Xavier, segundo Justimiano, seu maior incentivador, lhe chamou separadamente e lhe deu algumas dicas, um guia de arbitragem e reforçou com ele a importância dos estudos, pois era praticamente dois para um o número de candidatos. Após meses de estudo e preparação, Justimiano passou em terceiro lugar, graças, segundo ele, ao apoio do professor Ludendorfe. Inicialmente atuando como árbitro central, ainda com aquela “ânsia de apitar e sair apitando”, logo em seu segundo ano passou a ser árbitro assistente, a pedido de Agomar Martins (GULARTE, 2021, p 2). Justimiano relata que, ao ser escalado em um jogo em Santo Ângelo com Agomar, o árbitro lhe perguntou:

Justimiano, tu é um baita de um auxiliar, porque tu não fica de auxiliar?
E, tu quer apitar e tu vai apitando a segunda, eu já apitava a segunda divisão. Tu vai apitar a segunda, é muita concorrência, tu vai ficar

viajando sozinho, na segunda divisão se viajava sozinho, os auxiliares eram locais. E tu de auxiliar, tu vai trabalhar em Grenal¹¹, tu vai trabalhar em jogo internacional, tu vai trabalhar em tudo que é jogo, até financeiramente para ti vai ser bom (GULARTE, 2021, p. 2).

Ao chegar em casa, comentando com sua esposa sobre o pedido de Agomar, Justimiano decidiu aceitar a proposta, pois entendia que a escala como árbitro central era mais concorrida, pois teria que esperar mais tempo pelas oportunidades. Com essa decisão, Justimiano colocou como meta que “deixaria de ser um árbitro regular, para ser um ótimo auxiliar” (GULARTE, 2021, p. 3). A partir de então passou a se dedicar como árbitro assistente na FRGF, onde, em 1982, foi promovido ao quadro da CBF.

Hoje instrutor de árbitros da confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), Carlos Kruse, foi o árbitro, o qual tivemos a oportunidade de entrevistar, que iniciou sua aproximação com a arbitragem de forma mais tardia, ao trinta e seis anos. Kruse, bem como alguns de seus colegas entrevistados neste estudo, conta que seu esporte sempre foi o futebol, desde muito novo. Envolvido com o esporte desde os onze anos, aos dezoito, em 1962, foi campeão municipal e estadual juvenil pelo Mauá¹², em Porto Alegre. Pouco tempo depois, conseguiu a oportunidade de jogar no Aimoré, clube localizado em São Leopoldo, mas a distância entre as cidades e os poucos valores oferecidos aos jovens atletas, não o mantiveram no elenco. Ao lembrar sobre a oportunidade, Kruse discorre “eles me pagavam um salário-mínimo e eu morava aqui na avenida Ceará e pegar o ônibus todos os dias para São Leopoldo não ia dar. A coisa não evoluiu e aí eu não quis, mas eu joguei muito futebol, entendeu?” (KRUSE, 2021, p. 6). Ao perceber que ser jogador profissional seria uma tarefa mais difícil, Kruse começa a observar e conversar com árbitros do futebol amador. Em 1980 então, procura a FGF para fazer o curso de árbitros de futebol, iniciando sua carreira em 1981, como árbitro assistente.

Neste tópico, tivemos por objetivo apresentar os resultados obtidos a respeito da aproximação dos árbitros de futebol com a atividade. Ao trazermos seus relatos, percebemos que a aproximação dos árbitros com o meio da

¹¹ Partida disputada entre as equipes de Porto Alegre/RS, Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense e *Sport Club* Internacional.

¹² Fundado em 1911, o Mauá *Foot-Ball Club*, foi uma agremiação composta por alunos a Escola Mauá, localizada no centro de Porto Alegre. O clube era mantido pela Associação dos Empregados no Comércio (SOARES, 2014).

arbitragem esteve ligada diretamente à prática futebol, onde observamos a arbitragem como uma segunda via para seguir atuando no esporte. Neste sentido, o futebol amador e de categorias de base, atuam como um primeiro estágio para árbitro aproximar-se da atividade, uma vez que, através destes, os árbitros têm seus primeiros contatos com a arbitragem de futebol. Não houve generalização ao tratarmos os motivos que os levaram a procurar o curso, pois cada árbitro teve sua trajetória, vivenciando e percebendo seus momentos vividos de forma singular.

b) Carreira dos árbitros na FRGF/FGF e CBD/CBF

As carreiras dos árbitros sul-rio-grandenses de futebol se desenvolveram de diferentes formas, tanto a nível regional, quanto nacional. Em um período em que a arbitragem de futebol atravessava um processo de formação e renovação, a rápida ascensão dos árbitros aos quadros principais das entidades representativas, fez com que a Escola de Árbitros da FRGF obtivesse reconhecimento no cenário esportivo brasileiro. Assim sendo, neste subcapítulo, apresentamos os resultados obtidos através das entrevistas acerca da carreira de cada árbitro, as quais retratam sobre suas trajetórias na arbitragem de futebol.

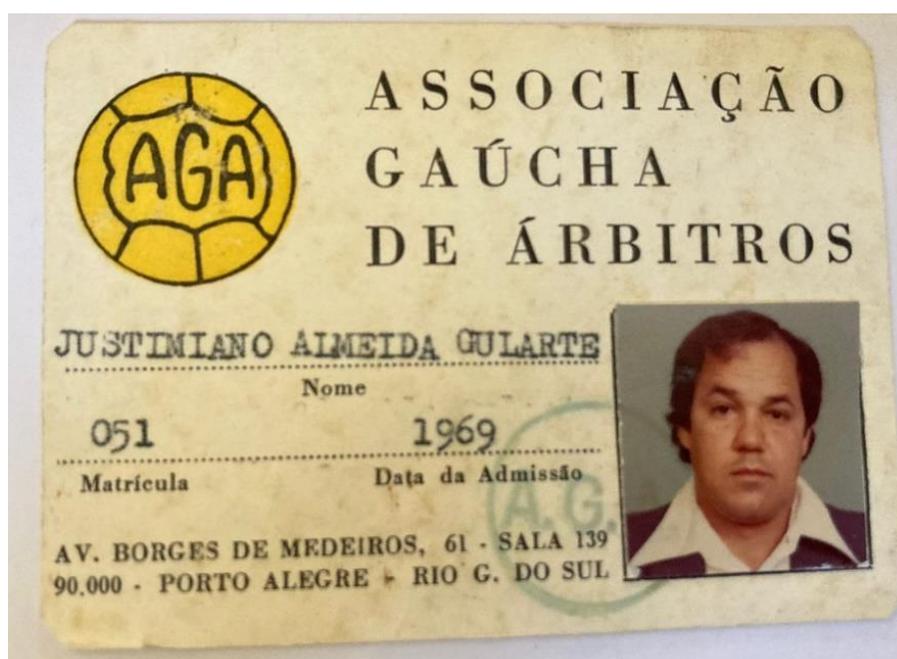
Após a conclusão do curso, um dos primeiros passos como árbitros era a aproximação com a entidade representativa da categoria. Alguns profissionais, por já atuarem em jogos amadores, mantinham contato ou vínculo com estas associações. Através de nossas pesquisas e entrevistas, pudemos observar três delas: a APAPA, a ARGA e a AGA. A Associação Rio-Grandense de Árbitros (ARGA), emerge ao final da década de 1950, onde busca a representatividade dos árbitros de futebol no estado. Durante os primeiros anos, a ARGA atua fortemente em prol da arbitragem, realizando cursos, treinamentos físicos e técnicos, bem como reuniões para tratar dos direitos dos árbitros. O jornal Diário de Notícias (1960) publica que, em uma destas reuniões, a ARGA se posiciona contra o DFC, que decidiu contratar árbitros de fora para atuar nos jogos de nosso estado.

O Departamento de árbitros da FRGF esteve reunido, ontem à noite, com a presença dos árbitros da Capital para que os mesmos se pronunciassem sobre a Nota da Associação Rio-Grandense de Árbitros (ARGA), na qual aquela entidade tomava posição frente à deliberação do DFC no que refere à contratação de juizes estranhos,

isto é, que não fossem dessa Capital (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1960, p. 11).

Neste mesmo período, desta vez atuando com os esportes locais, a Associação Profissional de Árbitros de Porto Alegre (APAPA), é criada a fim de representar “os árbitros de futebol, voleibol, cestobol e futebol de salão, nos torneios da cidade” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1961, p. 8). Por fim, último órgão antes do atual SAFERGS, a Associação Gaúcha de Árbitros (AGA), é criada. Zeno, ao falar das entidades, diz que após algumas reuniões nos altos da rua Borges de Medeiros, no centro de Porto Alegre, a APAPA transformou-se em AGA, sendo ele participante destes encontros e um dos fundadores. Ao contar sobre a AGA, Barreto relata que a entidade mantinha reuniões itinerantes, passando inclusive pelas casas dos árbitros. Segundo ele, por terem um grande espaço, seguidos eram os encontros da AGA em sua casa.

Figura 5 – Carteirinha da AGA.



Fonte: Arquivo pessoal de Justiniano Gularte, (1969).

Nos tempos atuais, a equipe de arbitragem cerca-se de diversos recursos tecnológicos para atuar em uma partida, minimizando o impacto dos erros no resultado das partidas (FARIAS, 2021). Diferentemente, escolher ser árbitro de futebol na década de 1960, segundo os árbitros entrevistados, exigia além de talento, coragem e imposição física, pois o futebol no Rio Grande do Sul, do

amador ao profissional, continha características únicas, com jogadores truculentos e um jogo de chegada forte. Zeno Escobar Barboza, árbitro que atuou quase trinta anos, relata sobre o início da carreira, onde, os árbitros recém-formados, atuavam em partidas do campeonato amador de Porto Alegre:

Antigamente, a arbitragem de futebol no Rio Grande do Sul, tinha que ser estivador do porto. Quando eu digo estivador do Porto tu já entendeu, não é? Tinha que ser, tinha que ser, tinha que apitar jogo no braço, na imposição física, porque tu ia apitar um campeonato amador. Por exemplo, campeonato amador não tinha policiamento, nós quando começamos em 1965, apitar o campeonato da liga do Sarandi, quando tinha um brigadiano era maravilha. Com um brigadiano, bah, nós já estávamos com tudo. E, normalmente, não tinha não é, não tinha nada, tu apitava e te garantia, não tinha outro remédio (BARBOZA, 2021, p. 11).

O futebol amador no Rio Grande Do Sul, dos tempos antigos, até os dias atuais, é marcado pela forte marcação, jogadas mais duras e jogadores viris. Assim, a narrativa de Zeno, vai ao encontro do que elucida o estudo de Myskiw (2012), acerca do futebol amador na cidade de Porto Alegre. O autor, ao tratar das partidas de futebol de várzea em Porto Alegre, retrata que “os erros de um jogador eram até mesmo aplaudidos, desde que fossem precedidos de uma ação de valentia, de garra, de insistência, de dureza ou de firmeza” (MYSKIW, 2012, p. 335). Ainda, neste contexto, o autor complementa que, para ser levado a sério e reconhecido, o jogador deveria ser firme, forte, ríspido, incisivo na ação de comunicar, ou seja, tal como seu conteúdo mandava. Os torneios amadores eram os divisores de água para quem quisesse se manter na arbitragem, pois estes, segundo Zeno, eram o “doutorado” dos árbitros, onde eles subiam ou largavam, e muitos, por não resistirem às pressões, acabaram desistindo (BARBOSA, 2021, p. 10).

Outro torneio que servia como iniciação à carreira dos árbitros da FRGF, era o Campeonato das Praias, comumente chamado de praiano. A tradicional competição, era disputada na praia de Atlântida, a qual, segundo o jornal Pioneiro (1964, p. 11), de Caxias do Sul, atraía “a atenção e a curiosidade de todo Rio Grande do Sul”. O praiano de futebol, era considerado um torneio bem organizado, onde havia bons jogos disputados e atletas habilidosos nas equipes participantes. O jornal acima citado, destaca:

O Campeonato das Praias, sempre, desde sua primeira realização foram sucesso nos meios esportivos do Estado, quer pela sua

realização, regulamentação, como pela ascendência de cracks autênticos que tem aparecido nos diversos conjuntos que ao longo destes anos têm disputado o título (PIONEIRO, 1964, p. 11).

Com isso, o Departamento de Árbitros da FRGF, era responsável por designar os profissionais de arbitragem para os jogos, ou seja, o campeonato teria árbitros do mesmo nível dos jogos. Silvio arbitrou muitos jogos do campeonato praiano, atuando com diversos colegas de sua época, porém, um jogo em especial lhe marcou a memória. Em um campeonato praiano, ao lado de Zeno, atuou como árbitro assistente da primeira árbitra do Brasil, Léa Campos, em um Grenal. Léa se formou em 1967 pela Federação Mineira de Futebol, vindo, alguns anos depois, a tornar-se a primeira mulher árbitra profissional de futebol no quadro da FIFA (MEDINA, 2015, p. 38).

Figura 6 – O Grenal praiano.



Fonte: Arquivo pessoal de Silvio Rodrigues, (1970).

Com o Departamento de Árbitros da FGRF sendo o responsável por escalar árbitros para os jogos profissionais e amadores, a oportunidade de os árbitros mostrarem seu potencial no começo na carreira era maior. Neste tempo, a ascensão dependia exclusivamente de suas boas atuações, seja como árbitro, seja como assistente. Guaranha destaca que, seu pai, poucos anos após iniciar a carreira em jogos amadores, ganhou a oportunidade de atuar em jogos das categorias de base, vindo a ser indicado ao quadro especial da FRGF e em

seguida ao quadro nacional, ambos em um curto espaço de tempo. A exemplo da rápida escalada na FRGF, Jutimiano, ao nos mostrar seu livro onde anotou todos os jogos em que atuou, identifica essa disparidade na quantidade de jogos, entre os curtos anos:

Eu comecei aqui com, tu vê, aqui em 1969 eu trabalhei nove jogos. Aqui, apitei, apitei, os auxiliares locais, aqui em 1970. Tudo aqui, a maioria era apito e aqui, já em 1971, eu fui trabalhar com Agomar e já comecei a só bandeirar. 1972, olha só quantos jogos, trinta e nove jogos, 1973... Cada jogo eu numerava aqui. Isso tudo aqui, eram jogos escalados pela Federação no boletim. Aí eu illustrei com algumas fotos que eu tirava ou que aparecia. Olha aqui em 1974, quarenta e três jogos. 1975, olha aqui, quarenta e nove jogos (GULARTE, 2021, p. 5)

Nos estudos de Martin (2017) e Correia (2019), que se referem aos árbitros de Minas Gerais, os diretores de arbitragem emergem como personagens importantes no processo formação e crescimento dos árbitros de futebol, pois são eles os responsáveis pelas escalas, indicações e promoções de carreira. Os autores citam que os professores, diretores, assessores e presidentes do departamento de arbitragem, exercem importante papel no desenvolvimento dos árbitros, pois a eles é dada a responsabilidade de acompanhar o dia a dia dos profissionais, avaliando-os positiva ou negativamente. Através das entrevistas realizadas, percebemos que estas autoridades eram responsáveis pelas escalas e indicações, acompanhando de perto, muitas vezes no próprio campo de jogo, as atuações dos árbitros em diversas partidas.

Tu sabe que ele foi lá no campo? Na sexta-feira na reunião, ele chegou e falou, olha, eu fui no campo sábado, no estádio dos Eucaliptos e vi um auxiliar trabalhar que me encantou, eu quero ver se ele está aqui na reunião. Eu estava na reunião e me apresentei. Ele disse, olha, muito bom o teu trabalho e tu já está escalado quinta-feira, Grêmio e Novo Hamburgo e domingo, Inter e Novo Hamburgo, todos os dois jogos em Novo Hamburgo. Bah, aí eu deslanchei na minha atividade, sabe? (GULARTE, 2021, p. 3).

Alguns anos após o início de sua carreira, Ludendorfe Xavier, que fora aluno no primeiro curso organizado pela FRGF, passou a exercer outras funções na entidade, desta vez como diretor do Departamento de Arbitragem e professor do curso. Em relação as oportunidades dadas por Ludendorfe, Justimiano (2021, p. 7) rememora, “nós éramos muito escalados para apitar os jogos e como ele era meu professor, me conhecia, me conheceu, ele pegou e me escalava”.

Outro diretor à época, Nestor Ludwig, também teve sua parcela de contribuição destacada em nossas entrevistas. Foi Nestor, segundo Justimiano, que formou uma das duplas de árbitros assistentes mais reconhecidas do estado, os “Gularte”. Justimiano Gularte e Hermínio Goulart, atuaram por cinco anos consecutivos como uma dupla fixa, trabalhando com árbitros pertencentes aos quadros da FRGF, CBD e FIFA. A respeito de seu par durante a carreira, Justimiano fala com carinho:

Nestor Ludwig, ex-diretor, ele fez uma dupla. Ele me botou eu e o Hermínio para trabalhar juntos. Hermínio Gularte e Justimiano Gularte e nós, com sobrenome, fizemos aquela... Botou cinco anos, nós todos os finais de semana juntos, cinco anos. Trabalhamos 218 jogos juntos, todos os finais de semana, eu e o Hermínio. Era uma coincidência, as pessoas já diziam que nós éramos irmãos, outros, parentes, mas era só uma coincidência de nome, de sobrenome, não é? Gularte. Depois, o Hermínio era muito mais velho que eu e teve que parar, aí nós desmanchamos a dupla, mas trabalhamos cinco anos a fio, juntos, juntos, juntos, sabe? Se formou aquela dupla (GULARTE, 2021, p. 4).

Nestor Ludwig, tinha uma ligação especial pelos árbitros assistentes, conta Kruse, pois, segundo ele, em uma de suas caminhadas pelo Centro Estadual de Treinamento Esportivo, houve uma grande mudança em sua carreira, graças a uma conversa com seu diretor. Durante seu percurso rotineiro, Nestor disse a Kruse, que deixasse de ser árbitro central, para se tornar assistente, pois assim, o escalaria em grandes jogos. Aos 41 anos de idade, Kruse hesitou na troca de função em um primeiro momento, pois acreditava que sua carreira como árbitro central seria mais promissora. Porém, ao aceitar a sugestão de Nestor, ouviu “eu estou precisando de um auxiliar, pois o Justimiano está para se aposentar e tu vai longe” de seu diretor e, sorrindo em sua fala, Kruse brinca, “eu fui mesmo, fui para Quaraí, fui para São Gabriel, fui para Itaqui, só fui longe” (KRUSE, 2021, p. 2). Brincadeiras à parte, Kruse relembra, que foi justamente esse incentivo que precisava para se dedicar ainda mais, a ponto de ser indicado ao quadro da CBF.

Responsável pelas escalas da rodada, o Departamento de Árbitros divulgava, em um mural na sede da entidade, a lista daqueles que seriam designados aos jogos. Desta forma, a FRGF fazia com que os árbitros todos fossem até sua sede para saberem se seriam escalados ou não, tornando a tarde/noite das sextas-feiras, em um encontro do quadro de arbitragem. Assim, o departamento, aproveitando a presença de grande parte de seus profissionais,

fazia reuniões semanais com os árbitros, apontando os acertos, equívocos, discutindo lances e questões ligadas aos jogos. Caso houvesse profissionais escalados pela CBD/CBF, um fax era enviado pela entidade à FRGF, na quarta-feira, podendo ela se organizar com os árbitros que teria a disposição. Ao tomarem conhecimento da escala, os árbitros entravam em contato com seus auxiliares, que na época, eram locais, ou seja, residiam na região onde seria a partida.

O futebol no Rio Grande do Sul, ao longo das décadas em destaque neste estudo, foi impactado por uma série de mudanças, dentre elas, destacamos duas: A inauguração de novos e modernos estádios e a indicação de árbitros ao quadro, sendo feita através de uma votação dos clubes filiados a FRGF (MANHAGO; GRABAUSKA, 2019). Com isso, novos rumos foram traçados aos campeonatos do estado, assim como, em relação a atuação dos profissionais da arbitragem. Ao serem questionados sobre suas atuações em jogos pela FRGF/FGF, os fatos marcantes e as curiosidades em suas carreiras foram os que mais tiveram destaque em suas memórias. Através destas, foi possível traçar um elo entre as mudanças ocorridas no cenário do esporte e as atuações que marcaram os árbitros sul-rio-grandenses.

Relembrado suas atuações no Rio Grande do Sul, Zeno destaca a relação que tinha com seus colegas de curso. Um deles, Roque José Gallas, foi o responsável por arbitrar a inauguração do novo Estádio Beira-Rio, em uma partida entre Internacional e Benfica, de Portugal. O novo estádio, inaugurado em 6 de abril de 1969, fora construído para substituir o antigo, o Estádio dos Eucaliptos. Além da inauguração do estádio Beira Rio, Gallas atuou como árbitro no jogo que marcou a inauguração do anel superior do Estádio Olímpico, este pertencente ao Grêmio. Ainda sobre seus colegas do curso de 1965 e os jogos que os marcaram, Zeno conta que o primeiro Grenal no moderno estádio Beira Rio, foi comandado por Orion Satter de Melo, mais conhecido como o árbitro do Grenal da Pancadaria¹³. Sorrindo ao falar, Zeno se recorda: “Meu amigo particular, o Gainete, era o goleiro do Internacional, resolveu dar uma voadora, deu uma briga generalizada. Depois disso até nós ficamos rindo [...]” (BARBOSA,

¹³ No primeiro Grenal do novo estádio Beira Rio, houve uma briga generalizada entre atletas e comissões técnicas de Grêmio e Internacional. O jogo acabou com a expulsão de vinte atletas, dez de cada lado.

2021, p. 5). Ainda sobre a relevância do novo estádio, Zeno completa: “[...] eu apitei a final do campeonato de 1969. Eu apitei o Grenal do primeiro turno, um a um, e depois eu apitei a decisão do campeonato de 1969 no Beira Rio” (BARBOSA, 2021, p. 6).

Figura 7 – A inauguração do Beira Rio.



Fonte: Arquivo pessoal de Roque José Gallas, (1969).

Ao final daquele ano, Zeno pleiteava ser indicado ao quadro da FIFA, uma vez que o árbitro detentor da vaga, um mineiro, acabara de sair, ficando a vaga para o Rio Grande do Sul. Ao lembrar deste período, ele diz:

[...] eu acreditava piamente, digo com toda a sinceridade eu achava que quem ia para o quadro da FIFA era eu. Por um motivo muito simples, é porque eu tinha apitado todos os clássicos¹⁴ regionais no Rio Grande do Sul, entendeu? Todos. Eu apitei todos os clássicos do Campeonato Gaúcho. Tudo bem, apitei muito bem segundo a crônica, apitei muito bem os clássicos regionais (BARBOSA, 2021, p. 6).

Porém, o diretor de árbitros da FRGF, Nestor Ludwig, indicou Agomar Martins para vaga, a qual foi árbitro do quadro internacional por dez anos.

¹⁴ Comumente chamados de “Clássicos”, os jogos envolvem duas equipes da mesma cidade ou região. Além do Grenal, podemos citar outros presentes no estado: Ba-Gua, entre Guarani x Bagé, em Bagé/RS; Bra-Pel, entre Brasil x Pelotas, em Pelotas/RS; Ca-Ju, entre Caxias x Juventude, em Caxias do Sul/RS e Clássico do Vale, entre Aimoré (São Leopoldo/RS) x Novo Hamburgo (Novo Hamburgo/RS) (MANHAGO; GRABAUSKA, 2019).

Agomar Martins, juntamente com José Luiz Barreto e José Cavalheiro, formavam o chamado trio ABC, Agomar, Barreto e Cavalheiro. O trio ABC foi destaque durante alguns anos nos campeonatos estaduais, atuando nas principais e mais difíceis partidas. Apesar de Agomar ter sido o único árbitro FIFA entre o trio, ele destaca a qualidade dos companheiros de trabalho ao comentar: “Barreto e o Cavalheiro eram bons árbitros. O Barreto foi um dos melhores que eu vi apitar, mas não teve a sorte que eu tive. [...] Por merecimento, ele merecia igual. Tinha uma elegância, um porte, era impressionante” (MARCA DA CAL, 2008, p. 5). Considerado um FIFA sem escudo por seus companheiros, Barreto, ao longo da carreira, perseguiu ascender ao quadro internacional, contudo a política de indicações e número de vagas não permitiu que seu desejo se concretizasse. Sobre os anseios do pai, Alexandre relembra: “Antigamente eram dez árbitros no quadro da FIFA e não se mudava. Era um no Rio Grande do Sul, dois em São Paulo, dois no Rio, era tipo um cargo político” (BARRETO, 2021, p. 12). Barreto atuou em treze Grenais e durante sua carreira na FRGF buscou seu espaço dentro do campo de jogo, sempre tendo uma disputa sadia com Agomar. Anos mais tarde, após encerrar sua carreira como árbitro, assumiu como presidente da Comissão Estadual de Árbitros da FGF.

Figura 8 – Barreto no Gauchão de 1965.



Fonte: Arquivo pessoal de Alexandre Barreto, (1965).

Guaranha (2021, p. 11), ao lembrar do trio ABC, os classifica como “os *top de linha*” do estado. Contudo, em sua concepção, naquele tempo o Rio Grande do Sul tinha cinco, seis, sete árbitros de Grenal¹⁵. Dentre estes, podemos citar Luíz Guaranha e Silvio Rodrigues, ambos árbitros que atuaram tanto pelo quadro regional e que ascenderam ao quadro nacional. Guaranha e Silvio viveram situações distintas em 1969, ano em que os clubes indicavam quais árbitros atuariam no octogonal final e quais estariam a disposição para os próximos torneios (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1969). Em uma reunião na sede da Federação, representantes dos clubes da divisão principal se reuniram com a entidade para uma votação de quais profissionais seguiriam no torneio. Foi indicada uma lista de 24 nomes, dos quais, apenas dez comporiam o quadro. Ao final da votação, Guaranha se manteve no quadro, pois empatou em votos com Roque Gallas, aumentando o número de profissionais de dez, para doze.

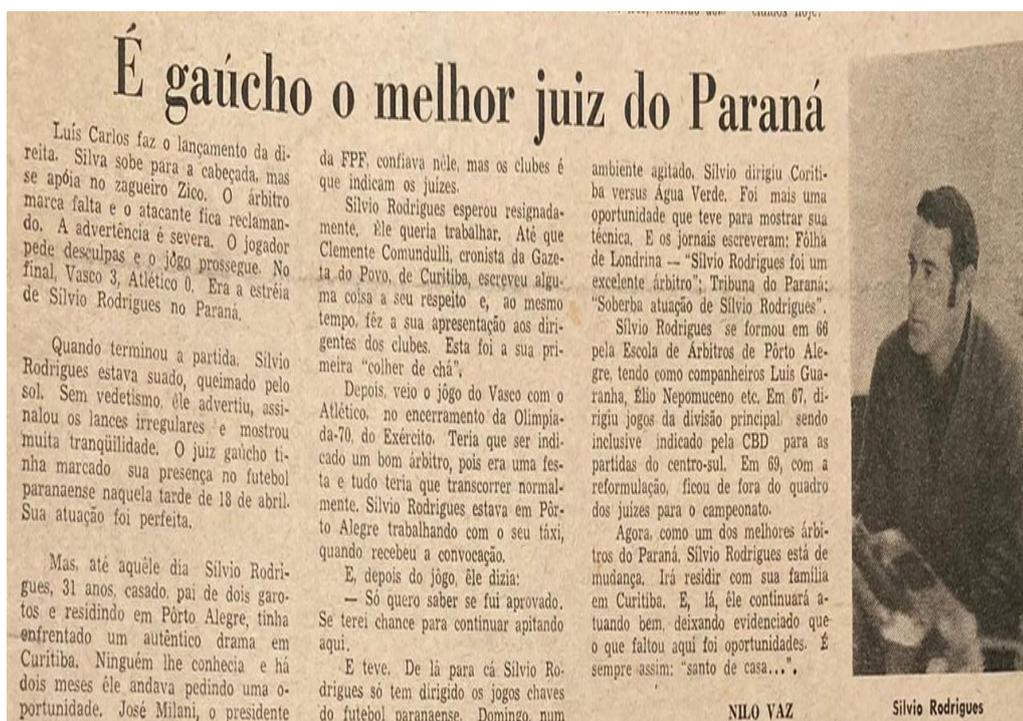
Indicado ao quadro da CBD em 1967, Silvio Rodrigues foi um dos árbitros que ficou de fora na reformulação do quadro feita pela FRGF. Com boa relação com os clubes, Silvio não obteve votos suficientes para continuar nas competições do estado, o que o obrigou a buscar novos ares. Segundo ele, “em 1970, os árbitros foram escolhidos para apitar a divisão principal do futebol Gaúcho pelos clubes” (RODRIGUES, 2021, p. 6). No mesmo ano, mudou-se para o Paraná, contratado pela Federação Paranaense de Futebol (FPF), onde atuou no campeonato estadual, arbitrando clássicos, como Atlético x Coritiba, e os jogos finais do Campeonato Paranaense. Em razão de suas boas atuações, Silvio recebeu elogios da imprensa escrita:

Talvez a atuação de Silvio Rodrigues despertasse mais a atenção do que a partida propriamente, pelo menos da imprensa e do departamento de árbitros da FPF. Mas o Sr. Silvio Rodrigues acabou tendo uma ótima atuação e a partida terminou sem maiores problemas (DIÁRIO DA TARDE, 1970, p. 6)

Ao término do Campeonato Paranaense de 1970, Silvio foi eleito o melhor árbitro da competição, vindo, assim, a retornar ao Rio Grande do Sul em 1971, desta vez com mais prestígio.

¹⁵ Árbitro de Grenal é uma expressão utilizada no meio da arbitragem, atribuída ao árbitro qualificado, experiente, preparado o suficiente para suportar a pressão que envolve a partida, pois apenas estes são considerados aptos.

Figura 9 – Silvio ganha destaque no Paraná.



Fonte: Arquivo pessoal de Silvio Rodrigues, (1970).

Ser árbitro do Campeonato Brasileiro ou das competições organizadas pela CBF, é um objetivo de todos os profissionais que procuram a arbitragem, contudo, nem todos tem a chance de chegar lá. Um dos principais fatores que levam os árbitros a desistirem de suas carreiras, é a falta de oportunidade à ascensão ao quadro nacional (PEREIRA; ALADASHVILE; SILVA, 2006). Complementando, os autores ainda citam as questões políticas, atreladas a falta de critérios nas escalafões, como motivos de abandono dos profissionais, fazendo com que os estes fiquem à mercê dos interesses dos dirigentes. Todavia, de encontro ao exposto pelos autores, os árbitros sul-rio-grandenses postos em foco neste estudo, tiveram rápidas transições entre o quadro regional e o nacional. A exemplo de Silvio, que fizera o curso de 1966 e indicado ao quadro nacional apenas um ano depois, os demais árbitros desta pesquisa também relataram rapidez em suas aproximações com a CBD/CBF.

Mesmo com a rápida chegada ao quadro CBD/CBF, alguns fatores foram preponderantes para que os árbitros se mantivessem lá. Em seus discursos, ter um emprego fixo ou uma atividade paralela, foi fundamental para a continuidade nos jogos nacionais. Horn (2015), destaca que viver só da arbitragem não é algo

tangível entre árbitros do Rio Grande do Sul, pois a profissão ainda não regulamentada, se torna instável, financeiramente falando. Entre as falas, observamos militares, profissionais autônomos, representantes comerciais, funcionários públicos e privados. Ao trazer a importância de uma atividade paralela à arbitragem, Justimiano conta que entrou na bolsa de valores quatro anos após a conclusão de seu curso, onde atuou de 1973 a 2015, totalizando 42 anos de trabalho. Estar na bolsa para ele, era um plano seguro, pois as duas profissões eram bem distintas, conseguindo, assim, conciliar ambas de forma equilibrada.

[...] a bolsa de valores permitia eu sair sabe e dava, me ajudou muito, porque no campeonato nacional tu é escalado e tem que viajar, não é? Às vezes tu falta dois dias, um dia no serviço. Quando é no fim de semana é bom, mas quando é no meio de semana, eu tinha que faltar. A bolsa me deu essa oportunidade. Então eu trabalhava de contador e arbitragem (GULARTE, 2021, p. 2).

Nesta direção, Zeno corrobora ao dizer que ter uma ocupação, era quase uma obrigação para estar no quadro nacional. Segundo ele:

Eu era homem, sempre fui homem de vendas, sempre fui representante comercial, homem de venda. Sempre tive e tinha que ser, porque empregado é que tu não podia ser ou patrão tinha que ser muito chegado em ti. Porque tu saía, era aquilo que eu te disse, tu apitando campeonato nacional tu tinha que passar uma semana fora e aí tinha que ser independente (BARBOSA, 2021, p. 11).

Para além da arbitragem, as atividades paralelas ocupavam um papel de sustentação financeira em caso de afastamento ou até mesmo pela ausência nas escalas, mantendo as contas familiares e pessoais em dia. Funcionário público e com um bom salário à época, Barreto tinha liberação para poder viajar pelo período que fosse preciso, principalmente quando alavancou sua carreira nacional. Por considerar uma atividade amadora, de um modo geral, até hoje, Barreto viu na soma dos retornos financeiros de ambas as atividades, a oportunidade de poder melhorar suas condições de vida. Alexandre comenta sobre suas conversas com seu pai, falando sobre suas duas profissões:

Ele disse que muitas coisas conseguiu adquirir, nos educar, dar uma melhor situação de vida também, tanto pela parte profissional dele, que antigamente o funcionário público federal era bem remunerado, hoje já não é a mesma coisa e juntamente, paralelamente esse rendimento da arbitragem (BARRETO, 2020, p. 5).

As atividades paralelas, como ditas pelos árbitros entrevistados, facilitavam as saídas para as viagens pelo Brasil a serviço da CBD/CBF. Apontada por Boschilia e Marchi Junior (2020) como uma das principais dificuldades em se manter na arbitragem, as viagens tiveram papel contrário, segundo as entrevistas coletadas. Ao analisarmos seus relatos, percebemos que as viagens eram consideradas a melhor parte da arbitragem. Estar em trânsito, poder passear, conhecer novos lugares, novos colegas de profissão e poder atuar em jogos de grande expressão, estavam entre aspectos mais positivos das viagens, algo tido como impagável.

Em um período em que o campeonato brasileiro continha um número maior de equipes participantes, os árbitros, conseqüentemente atuavam mais, “eram mais aproveitados”, segundo Guaranha (2021, p. 5), tendo maior chance de progredir na carreira, caso fossem bem avaliados. As viagens de dois, três, quatro e até cinco dias faziam parte da rotina dos árbitros que atuavam na competição. Normalmente publicadas previamente às escalas da FRGF/FGF, as designações dos árbitros se estendiam, em alguns casos, por até uma semana, quando em um formato chamado de triplicata. Escalados em até três jogos na mesma semana, os profissionais acabavam viajando por três estados diferentes, entre um final de semana e outro, em muitas vezes, dando tempo apenas de conhecer o aeroporto, o hotel e o estádio o qual iram trabalhar. As triplicatas nem sempre agradavam os árbitros, pois para ele havia o lado positivo e negativo, conforme Zeno descreve:

Saía nas triplicatas, era muito comum sair em triplicata. Bah, três, saía e tinha que ficar, não dava nem para voltar, não dava nem para voltar, tinha que ficar. Chegava lá apitava um jogo em Salvador, ficava em Salvador. Depois pegava um voo para Recife, fazia Recife. Depois fazia Belém, bah horrível. Horrível em um sentido e bom em outro, mas vai se aperfeiçoando as coisas, as escalas (BARBOSA, 2021, p. 9).

Já Justimiano, relata apenas pontos positivos a respeito das viagens que fizera, onde, em sua opinião, “isso sempre foi uma coisa saudável” (GULARTE, 2021, p. 15). Ainda, segundo ele, estar fora de casa, ter um hotel para descansar, em uma cidade diferente e poder aproveitar a companhia de colegas de outro estado, eram as coisas boas do campeonato nacional. Ao recordar de uma de suas viagens, Justimiano comenta sobre sua ida a São Paulo, onde fora

recebido no aeroporto por José Assis de Aragão¹⁶, que, ao invés de levá-lo ao hotel como de costume, o recepcionou em sua casa, tamanha era a amizade e carinho entre eles. Porém, mesmo tendo uma estreita relação com os demais árbitros do quadro nacional, estar entre os escalados, significava o mesmo que deixar de fora aqueles que, por hora, os recepcionavam nas viagens. Assim sendo, torcer para que Grêmio e Internacional ficassem de fora dos jogos finais, também resultaria em um número maior de jogos, conseqüentemente mais viagens e um retorno financeiro maior. Justimiano completa, “quando não entrava Grêmio e Internacional, aí era nós, só gauchada, era jogo, jogo e jogo. O cara ficava entre Rio e São Paulo e nós íamos bastante” (GULARTE, 2021, p.16).

No que diz respeito a arbitrar jogos de equipes de fora do Rio Grande do Sul, diversas foram as histórias e casos contados ao longo das entrevistas. Situações envolvendo dirigentes, jogadores e treinadores foram recorrentes nos discursos dos árbitros. Um ponto interessante a ser destacado foi que, ao serem questionados sobre suas atuações em jogos do campeonato nacional, as primeiras falas que vinham à tona, eram relacionadas a lances polêmicos envolvendo a arbitragem. Em um jogo entre Flamengo/RJ e São Paulo/SP, Kruse relembra:

Um jogo que eu bem me recordo mesmo, foi São Paulo e Flamengo lá no Morumbi. Nunes, Zico, agora tu vê. Raí, essa turma toda do São Paulo lá no Morumbi. Foi até que deu um lance bastante interessante. O Carlos Martins marcou um pênalti a favor do São Paulo e deu as costas para o lance, depois que marcou o pênalti. Aí deu o gol, foi chutado o gol, acho até que foi o Raí que chutou e que fez o gol. E aí deu as costas. Aí, vem saindo Zé Carlos, o Zé Carlos goleiro do Flamengo falecido, esse cara morreu cedo até, não sei, pegou a bola e jogou nas costas dele” (KRUSE, 2021, p. 10).

Em jogo válido pelo campeonato nacional, também envolvendo as duas equipes citadas anteriormente, Justimiano conta:

[...] eu tive um jogo no Maracanã, que o Martins estava apitando, Carlos Martins, e o Careca fez um gol. Flamengo, o Careca estava no São Paulo, São Paulo e Flamengo. E, o Careca fez um gol assim, por cima, encobrindo o goleiro e a bola sem bater no chão entrou e eu estava na linha rapaz. Eu peguei, dei o gol, Martins olhou para mim e eu confirmei

¹⁶ Árbitro da Federação Paulista de Futebol, que pertenceu ao quadro da FIFA. Aragão ficou conhecido como o árbitro artilheiro, após marcar um gol, desviando involuntariamente um chute do jogador Jorginho, do S.E. Palmeiras, em 1983. O jogo entre Palmeiras e Santos terminou empatado em 2x2.

o gol. Ele confirmou, nós corremos tudo para o centro e ninguém disse nada. Os caras viram que eu estava na linha, que eu vi a bola (GULARTE, 2021, p. 3).

Um dos fatos mais marcantes da arbitragem do Rio Grande do Sul, foi protagonizada por Agomar Martins. O primeiro árbitro FIFA do estado, era conhecido como o “Apito de Ouro do futebol gaúcho” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1966, p. 11). Popularmente conhecido como o “Rei do Futebol”, Édson Arantes do Nascimento, comumente chamado de Pelé, atuava pelo Santos/SP na década de 1960. Em um jogo entre Santos x Grêmio, válido pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o Robertão, Agomar conta que Pelé estava muito metido, querendo apitar o jogo. O árbitro, em um determinado tempo de jogo lhe disse: “O senhor é o rei do futebol e eu sou o rei do apito. Dois reis não vão reinar aqui” (MARCA DA CAL, 2008, p. 5). Dito isto, o jogo voltou a transcorrer de forma tranquila, quando, alguns minutos mais tarde, ao retornar de um lance de escanteio, Pelé acertou seu adversário, sendo expulso do campo de jogo por Agomar.

Os lances polêmicos lembrados pelos árbitros, de certa forma, fazem com que eles sejam postos como personagens principais da partida, ganhando visibilidade e notoriedade perante a mídia esportiva. Martin (2017), alude que o árbitro, estando inserido em um esporte movido pela paixão, mesmo estando certo ou errado, estará envolvido nas polêmicas de uma partida. Com isso, são esses lances que tornam o árbitro, por um breve momento, a estrela do espetáculo, levando-os a estar no foco nas rodas de discussões esportivas. É importante salientarmos o quão relevante é o resultado da partida para uma avaliação da equipe de arbitragem. Mesmo com lances polêmicos, a figura do árbitro é esquecida em uma vitória. Todavia, caso esta vitória não ocorra, o árbitro é posto em xeque, sendo esquecido o ser humano por trás da bandeira ou do apito (MARTIN, 2017).

Através deste tópico, foi possível evidenciar que as carreiras dos árbitros de futebol do Rio Grande do Sul, esteve, inicialmente, ligada as associações representativas da classe. Os jogos amadores, foram importantes para o amadurecimento e crescimento dentro do quadro da FRGF/FGF, atuando como um divisor de águas para aqueles que seguiriam em frente ou deixariam de lado a atividade. Os diretores de arbitragem, tiveram papel destacado sob os olhares

dos árbitros entrevistados, sendo eles, os agentes transformadores nas carreiras dos profissionais em foco. Mudanças de função, escalas em jogos mais importantes e indicação ao quadro nacional e mundial, estiveram por conta dos diretores de arbitragem. Mesmo pertencendo ao mesmo quadro de árbitros, em um determinado período, alguns destes ganharam mais destaque e relevância, sendo que outros, acabaram por sair do estado em procura de novas oportunidades.

O quadro nacional, por sua vez, requeria dos árbitros outras demandas para que houvesse uma carreira sadia. Ter um emprego fixo ou uma atividade paralela, foi fundamental para que os profissionais pudessem atuar em diferentes regiões do Brasil. Como a arbitragem, desde então, não possui vínculo empregatício, ter uma base financeira estável, dava mais tranquilidade para que os árbitros viajassem para as partidas. Estas, por sua vez, teriam sido a parte mais gratificante da carreira, pois através das viagens, puderam os apitadores, conhecer outros estados do país, conviver com colegas de distintas cidades e trabalhar em jogos de maior expressão a nível nacional. Contudo, através destes jogos, evidenciou-se que as memórias sobre as partidas, conectavam-se aos lances polêmicos que se envolviam a equipe de arbitragem.

c) Relação entre o árbitro e a mídia

Uma relação que ia muito além das quatro linhas, onde, em um único lance, um gol anulado, um impedimento mal marcado, o dono do apito e homem da bandeira, seriam louvados ou então, crucificados. Tendo poucos segundos para tomar uma decisão, os árbitros se tornavam alvos fáceis para a imprensa. Se atualmente, é possível corrigir um erro claro de arbitragem através da tecnologia do VAR, tempos atrás, essa parecia uma ideia distante (LOUREIRO, 2020). Tratados muitas vezes como estrelas do futebol, diversos eram os adjetivos dados aos comandantes das partidas. Alguns deles como, o “rei do apito”, “apito de ouro” ou “o melhor do mundo”, já foram explicitados nesta pesquisa. Assim sendo, neste subcapítulo, traremos a luz como os árbitros enxergavam e como era a influência da mídia esportiva perante suas trajetórias pessoais e profissionais.

Visto como o “único que não pode perder a cabeça”, do árbitro de futebol, são exigidas diversas competências, dentre elas a física, técnica, social e

psicológica. De Souza (2016), quando versa sobre os pilares psicológicos dos profissionais da arbitragem, discorre que a divisão de papéis que os árbitros são submetidos a administrar, os deixam mais sujeitos às pressões de vários segmentos, como a própria Federação, clubes, jogadores, treinadores e a mídia. A pressão da mídia, neste caso, é intimamente ligada aos jogos de grande notoriedade, uma vez que, o futebol, diferentemente dos demais esportes, vincula o árbitro diretamente ao resultado da partida, ou não.

Mesmo com as fortes pressões exercidas pela imprensa, os árbitros entrevistados, sentiam-se valorizados pelos meios de comunicação, pois assim, através deles, o grande público acabava conhecendo-os, difundido a profissão. Mesmo não tendo a exposição dos tempos atuais, como a televisão e a *internet*, pode-se dizer que no meio esportivo, os árbitros da época, como Guaranha, “o Barreto, o Gallas, o Agomar, o Bernardoni, o Canedo, eram celebridades esportivas dentro do estado” (GUARANHA, 2021, p. 6). Ao passear pela Rua dos Andradas, no centro de Porto Alegre, diversas vezes ouvíamos “e aí Guaranha, e aí Guaranha...”, relata Luís Roberto, ao contar que seu pai era muitas vezes reconhecido nas ruas da cidade. Nesse caminho, Zeno coloca que “tudo mudou”, pois, nos dias atuais, a forma como são tratados os árbitros é muito diferente de seu tempo:

Na nossa época era diferente. Na nossa época, nós tínhamos um jornal esportivo, que era a Folha Esportiva, tinha Folha da Tarde, tinha o Correio do Povo e todo mundo publicava escala de arbitragem. Nós tínhamos comentaristas, especialistas em arbitragem. Ah, mas era uma maravilha cara. Agora nós não temos um especialista em arbitragem na mídia impressa, nós não temos, não temos isso. Hoje, a arbitragem não é mais tão difundida (BARBOSA, 2021, p. 8)

Os jornais, ao publicarem praticamente todas as escalas de arbitragem da rodada, faziam com que os torcedores de diversos clubes espalhados pelo estado, se acostumassem com o nome dos profissionais envolvidos nas partidas. A exemplo, Zeno cita: “No nosso tempo, a arbitragem, olha, o Roque vai apitar o jogo tal, o Zeno vai apitar um Bra-Pel, Orion vai apitar em Caxias, Flamengo e Juventude [...] tudo era difundido” (BARBOSA, 2021, p. 8). Ainda, segundo o árbitro, dessa forma, os jornais acabavam divulgando e fortalecendo o trabalho dos profissionais que já atuavam, bem como apresentavam aos apreciadores do futebol, os jovens árbitros recém-formados.

Muitas vezes ficando a margem do árbitro central, os assistentes

recebiam iguais menções nas reportagens, segundo Zeno: “Justiminiano e Hermínio foram uma dupla famosa, conhecida, respeitada, respeitada acima de tudo. Respeitada por quê? Pela difusão do seu trabalho. Então hoje, tu não vê nada [...]” (BARBOSA, 2021, p. 8). A evolução e rapidez das informações, acabaram “banalizando” as escalas, deixando de ter “aquele prestígio” (GULARTE, 2021, p. 13). Hoje feitas basicamente através de canais digitais¹⁷, as escalas feitas pelo Departamento de Arbitragem da FRGF/FGF, logo após serem divulgadas em sua sede, iam a público. Tão logo a imprensa tinha conhecimento, que já iniciava o assédio aos árbitros escalados, tamanha era a importância do fato para a mídia. Em sua fórmula, o Campeonato Gaúcho de 1970, contemplava a presença de 18 agremiações, divididas em dois grupos de nove, do qual participavam equipes de diferentes regiões do estado. Com um número maior de jogos, haveria, conseqüentemente, um número maior de árbitros que seriam escalados. Assim, no dia 26 de abril daquele ano, o jornal Diário de Notícias divulgou a escala para os jogos do final de semana:

Figura 10 – Escala de arbitragem na mídia.



Fonte: Diário de Notícias (1970, p. 14).

¹⁷ Atualmente a FGF realiza sorteio público através de seus canais oficiais no *Facebook* e *YouTube*. A CBF realiza o sorteio em sua sede e divulga o mesmo em seu *site* oficial.

Ponto interessante a ser destacado, a nomeação de todos os profissionais envolvidos na rodada, inclusive de jogos adiados, corrobora com a fala de Zeno. Analisando a matéria exposta acima, percebe-se uma dedicação à escala de arbitragem, visto que, através de uma coluna específica, o jornal acaba por dar o reconhecimento esperado pelos homens do apito. Todavia, nem sempre estar na mídia soava com tom positivo, pois assim como as escalas os colocavam em evidência no pré-jogo, os possíveis erros e interferências, punham em xeque sua idoneidade e caráter no pós-jogo. Ao contrário do torneio regional, estar apto para os jogos do campeonato nacional, implicava em uma significativa diferença se falarmos a respeito da mídia. Sobre esta disparidade, Justimiano destaca: “Tu trabalhas lá, em seguida tu vens embora e tu nem, né, passou, fica lá. Não é que nem aqui, que a crítica fica na segunda, fica na terça, até vir um outro jogo” (GULARTE, 2021, p. 15).

Ao passo que a divulgação das escalas na mídia projetava os árbitros de futebol, a exposição trazia consigo pontos negativos. Sendo considerados celebridades do esporte pelos jornais da época, estar em evidência, em certos momentos, refletia em falta de privacidade profissional e familiar, pois “quando saía uma escala de um jogo importante, a imprensa vinha toda em cima” (RODRIGUES, 2021, p. 5).

Localizada na rua Leonardo Truda, no centro de Porto Alegre, a sede da FGF, era ponto de referência entre os jornalistas que cobriam as escalas da arbitragem. Não raras as vezes, os árbitros, na saída da sede, eram abordados pelos repórteres, que buscavam informações antecipadas a respeito dos responsáveis em comandar as partidas. Silvio, ao lembrar uma de suas saídas da FGF, após a divulgação da escala de seu primeiro Grenal, fala do assédio sofrido pela imprensa:

Por exemplo, quando eu apitei o grenal, primeiro grenal que eu apitei, eles foram na minha casa. Bom, quando saiu a escala do departamento de árbitros, na Leonardo Truda, já estava a imprensa toda lá. E aí já me fotografaram, me levaram direto para um canal de televisão para eu dar entrevista e tal (RODRIGUES, 2021, p. 5).

Os jogos decisivos do campeonato em suas fases finais e aqueles considerados clássicos pelo estado, recebiam maior atenção por parte da imprensa, tendo em vista a reponsabilidade depositada nos árbitros. Ao tratar de

um Grenal, o jornal Diário de Notícias, de Porto Alegre, publica em sua coluna destinada a arbitragem: “Agomar no Gre-Nal, FGF dá uma certa” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1970, p. 14). Ao informar os leitores sobre a escala do clássico, o jornal traz elogios não só ao árbitro central, mas também aos assistentes e ao Departamento de Árbitros da FGF:

“Possuidor de um caráter incontestável, dono de uma personalidade invulgar, além de reunir condições técnicas invejáveis, Agomar, do a FIFA, será um motivo de tranquilidade e uma atração a mais para o choque-rei.

Não há restrições para seus auxiliares, principalmente Orlando Simões, que é disparado o melhor bandeirinha do nosso futebol.

Muitas vezes o departamento técnico deu ‘mancada’, merecendo críticas. Hoje, entretanto, merece muitos aplausos. E... boa sorte, Agomar” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1970, p. 14).

Mesmo contentes em serem escalados para as partidas mais importantes do Rio Grande do Sul, a equipe de arbitragem procurava sigilo e silêncio após a divulgação de seus nomes. Havia uma espécie de combinação entre os árbitros, “ninguém dizia nada, o pessoal sumia”, relatou Silvio (RODRIGUES, 2021, p. 5). Estas atitudes tomadas pelos profissionais da FRGF/FGF, vão ao encontro do que aludem Tertuliano e Oliveira (2018). Segundo os autores, imediatamente após tomar conhecimento da escala, iniciam os direitos, deveres, funções e responsabilidades dos árbitros em questão, onde estes, sob uma forte carga psíquica, nem sempre a colocam para fora, após o apito final. Com a intenção de fugir do assédio e procurando uma melhor preparação para a partida, em muitas vezes os árbitros eram vistos se retirando da cidade, a fim de evitar repórteres e a imprensa. Agomar, naquele tempo, tinha uma casa na praia que servia de refúgio para a arbitragem em momentos como este, discorre Justimiano:

O Agomar era um cara metódico, ele era militar. Olha, eu trabalhei muitos grenais com ele. Nós trabalhávamos, escalados em grenais. Na quinta-feira, ele tinha uma casa na praia e nós íamos para lá. O grenal era domingo, nós íamos para lá e chegava lá na quinta, sexta [...] quando chegava sábado ele dizia, nada, agora vamos nos dedicar ao jogo. A gente se reunia numa mesa, tratava todos os planos de arbitragem, as sinalizações, como nós íamos chegar no estádio, tudo, sabe? (GULARTE, 2021, p. 8).

As matérias esportivas, ao noticiar a respeito dos jogos importantes das rodadas, trazia consigo um terceiro elemento que não as duas equipes

participantes. A importância daquele que serviria de comandante do jogo, era quase a mesma dada aos jogadores, treinadores e dirigentes. No clássico Grenal de número 194, no dia 8 de agosto 1970, a capa da página de esportes trazia em destaque, um atleta de cada uma das equipes. Pelo lado do Grêmio, a esquerda, estava Everaldo, meio campo tido como a principal atração daquele jogo, pois, há poucos meses, havia sido campeão da Copa do Mundo com a Seleção Brasileira, no México. Pelo Internacional, Pontes, zagueiro responsável por frear o meia tricolor e o ataque que tinha Wolmir e Loivo (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1970, p. 32). Contudo, um terceiro personagem surge ao centro da página esportiva, entre os dois destaques do espetáculo. Este, vestindo camisa longa preta, com a gola em corte “v”, da cor branca, calção preto, meiões pretos e chuteira preta. Em sua mão esquerda segura uma bola e na direita, um apito. Trata-se do árbitro da partida, Agomar Martins, que na referida matéria do jornal Diário de Notícias, ganhou tanta visibilidade e importância, quanto aqueles responsáveis por levarem a felicidade aos torcedores.

Figura 11 – O terceiro destaque do Grenal.



Fonte: Diário de Notícias (1970, p. 32).

Ao final, após tratar dos detalhes da partida que envolvia a liderança da fase final do Campeonato Gaúcho, o jornalista Ênio Melo, em sua coluna chamada Grande Área, escreve:

O juiz é bom. Agomar sabe apitar e tem aquele orgulho de ser parte do espetáculo. Não se julga menos atração que os jogadores. Como tal, também não admite a ideia de decepcionar. E sabe que as repercussões do jogo são nacionais. Tudo isso é bom para ele e será bom para o jogo (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1970, p. 32).

Pelo fato de os árbitros estarem frequentemente expostos na mídia, seus familiares e amigos, conseqüentemente, acabavam também sofrendo algumas interferências no dia a dia, por conta desta escolha profissional. Ao se tornar árbitro de futebol, o indivíduo passa a ter a consciência de que, direta ou indiretamente, a vida das pessoas que o circulam, será impactada (FERREIRA; BRANDÃO, 2012). A família, no contexto da arbitragem, tem papel fundamental no que diz respeito ao crescimento profissional, porém, este mesmo crescimento profissional, é o responsável pelo fim da privacidade dos entes mais próximos.

Ao analisarmos as lembranças dos árbitros sul-rio-grandenses, no que tange a interferência da mídia em suas famílias, identificamos que as mais recorrentes memórias, dizem respeito às pessoas mais próximas de seus círculos sociais, como esposas, filhos, colegas de trabalho ou de estudos, etc. Justimiano, ao recordar os momentos com sua família, relata que ele e seus filhos jamais foram nas churrascarias do Grêmio ou do Inter, pois certamente seriam vistos por algum órgão da imprensa e sofreriam retaliações por conta disso. Sobre o motivo de não ter ido a nenhum destes espaços, ele explica: “[...] eu trabalhei esses vinte anos e eu nunca fui na churrascaria do Inter ou do Grêmio, que na época tinha. Tinha a Saci, churrascaria Saci e a do Grêmio era Mosquiteiro. Nunca fui. Por quê? Porque eu sou árbitro e eu não vou lá” (GULARTE, 2021, p. 12). Por conta da profissão, Justimiano passou a ser visto em jogos na televisão. Sendo assim, seus filhos passaram a serem reconhecidos como o filho do bandeirinha. Contudo, este nunca foi um fato que incomodou Justimiano, pois para ele, algumas situações são assim mesmo fazem parte da arbitragem. Ao contar sobre o dia em que seu filho bateu em um colega na escola, por ter dito que Justimiano era bandeirinha ladrão, sorrindo, ele diz: “[...] vai acontecer sempre isso, das pessoas brincarem contigo, dizerem isso, mas

não liga. Quando disserem, tu diz: é, o pai é mesmo, é mesmo. Vai, leva tudo na brincadeira” (GULARTE, 2021, p. 14).

Em seu relato, Luís Roberto, filho de Guaranha, recorda que para o pai, a família tinha suma importância em todo o processo da arbitragem, pois vivenciava intimamente o antes, o durante e o depois de todas as partidas. Luís ainda completa que, ver o pai na televisão, em jogos importantes, era dupla felicidade, pois primeiro, torcia para ascensão profissional dele e segundo, que em todas as viagens, recebia um presente em seu retorno. Contudo, estar presente na programação esportiva, nem sempre era sinal de fatos negativos, já que ao mesmo tempo em que o árbitro se torna conhecido, a família acaba por entrar nesse universo também. Por ser o filho do árbitro, Luís Roberto, comumente era procurado por seus amigos, interessados em conhecer o mundo do futebol. Sobre os amigos, ele lembra de uma situação enraçada que vivenciou na época de escola:

[...] que foi num jogo do Internacional que supostamente houve um erro de arbitragem, supostamente eu digo por que não se tem notícia, só se sabe que o Inter ficou descontente com o resultado da partida. No outro dia eu não pude ir no colégio. E o meu primo, que estudava no mesmo colégio disse, foi bom que tu não foi, o pessoal estava te esperando lá (GUARANHA, 2021, p. 6).

Já Silvio, ao lembrar do primeiro Grenal que fora escalado, relata sobre pressão exercida pela imprensa em registrar algum momento seu de lazer, na tentativa de mostrar o lado humano do árbitro que apitaria o próximo clássico regional. Para sua surpresa, ao olhar em sua rua, Silvio se deparou com a seguinte cena:

E aí quando no domingo, no domingo de manhã, já ficou uma equipe de reportagem na esquina de onde eu morava e ficaram dentro da minha casa. Eu tenho até fotografia me entrevistando, dentro de casa, eu e a minha família (RODRIGUES, 2021, p. 5).

Contudo, mesmo com toda a exposição que sua família sofrera ao longo dos anos na arbitragem, de um modo geral, Silvio avalia positivamente:

Eles achavam muito legal isso aí, porque a gente era muito falado, muito comentado, a imprensa divulgava muito mais. Então eles ficaram conhecidos na rua, escola, como os filhos do árbitro de futebol. Era bem bacana, para eles também foi bem legal isso daí (RODRIGUES, 2021, p. 5).

Evidenciamos, a partir dos resultados obtidos neste subcapítulo, que a mídia esportiva, através dos jornais, fortalecia e difundia o trabalho dos profissionais da arbitragem pelo estado do Rio Grande do Sul. Através das escalas publicadas previamente aos jogos, era possível ao grande público e aos amantes do futebol, conhecerem e prestigiarem o árbitro designado para a partida de sua equipe de coração. Os árbitros, por sua vez, sentiam-se mais valorizados, uma vez que, assim como jogadores e dirigentes, faziam parte dos destaques esportivos publicados através da mídia. Diferentemente dos tempos atuais, os novos árbitros eram rapidamente postos em destaque, uma vez que logo após sua formação, seus nomes eram listados entre os apitadores dos campeonatos. Em consoante com a exposição dos árbitros, a privacidade pessoal e das famílias dos árbitros, também sofreram com a influência dos meios de comunicação. Paralelamente ao crescimento profissional, os árbitros sentiam-se na responsabilidade em se manter um padrão de comportamento, tendo assim, que optar por uma vida mais reservada e sem grandes movimentos em público.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo tratou dos percursos dos árbitros de futebol sul-riograndenses, filiados a FGF, que atuaram entre as décadas de 1960 e 1980. Através das entrevistas com os profissionais de arbitragem que vivenciaram o período demarcado acima, notou-se que a aproximação com a atividade, em sua grande maioria, se deu através das vivências prévias com o futebol. Tendo tido experiências no futebol amador e nas categorias de base de clubes renomados do Rio Grande do Sul à época, o sonho em ser atleta profissional acabou sendo interrompido de distintas formas, conforme os árbitros investigados. Assim sendo, o gosto pela modalidade e vontade de permanecer ligado ao futebol de alguma forma, fez com que procurassem o curso de arbitragem, mantendo acesa a paixão pelo esporte.

Com a oficialização do primeiro curso, em 1958, organizado pelo Departamento de Árbitros da então FRGF, a cada ano, mais candidatos surgiam a procura de vagas, uma vez que a entidade, naquele período, iniciava um processo de renovação do quadro profissional. Após a conclusão do curso, os árbitros, inicialmente, filiavam-se a umas das associações representativas, que atuavam em prol dos direitos dos homens do apito. Após o curso de formação, o árbitro iniciava sua carreira atuando em jogos de duas diferentes competições organizadas pela FGRF, o campeonato amador de Porto Alegre, disputado nos bairros da cidade, e o praiano, torneio disputado no litoral do Rio Grande do Sul. Essas competições eram tidas como balizadoras para aqueles que seguiriam na atividade, pois, além de terem uma qualidade inferior aos jogos profissionais, continham atletas duros e viris, exigindo do árbitro firmeza e coragem.

Os diretores de arbitragem eram responsáveis pelas escalas e por indicar, aqueles que vinham tendo boas atuações, ao quadro nacional e internacional. Destacaram-se os árbitros participantes deste estudo, que, além da relação de trabalho, havia também uma relação mais próxima entre árbitros e diretores, fazendo com que isso, fosse preponderante para suas ascensões. Assim, ser indicado ao quadro nacional era um processo rápido, visto a quantidade grande de jogos a serem arbitrados e o baixo número de árbitros pertencentes ao quadro. Todavia, em um período em que árbitros argentinos atuavam nos

torneios sul-rio-grandenses e os principais clubes indicavam quem atuaria em seus jogos, alguns profissionais optaram por atuar em outras regiões do Brasil. Já os que ficaram e tiveram a oportunidade de estarem em jogos importantes, ganharam destaques em suas carreiras, bem como através da mídia.

Atuar pelo quadro nacional implicava em diversas adaptações para os árbitros que lá atuavam. Ter um emprego ou atividade paralela era uma delas, uma vez que, para poder atuar nos jogos organizados pela FRGF, era pré-requisito ter uma remuneração extra, garantindo uma base financeira ao profissional. As viagens pelo Brasil, por sua vez, faziam que com o árbitro tivesse disponibilidade de passar, por certas vezes, uma semana longe do seu trabalho ou de sua casa, contudo, essa seria uma das vantagens em atuar a nível nacional, pois poderiam conhecer diversas cidades do país, além de manterem-se distantes da mídia regional.

Ao discutir as implicações em ser um árbitro reconhecido pela mídia, os árbitros entrevistados apontaram benefícios e desvantagens. A publicação das escalas de arbitragem pelos jornais, fazia com que os leitores, fossem, aos poucos, conhecendo os recém-formados, bem como acompanhando os trabalhos daqueles já pertencentes ao quadro, dando visibilidade a todos os profissionais, independente de tempo de carreira. Em jogos mais importantes, como as finais e os clássicos, tão comentada quanto as estratégias de cada equipe, era a equipe que atuaria no comando da partida. Havia um prestígio à arbitragem, em igual nível ao dos clubes, mostrando que nem só 22 atletas constituem o espetáculo. Porém, a privacidade pessoal e familiar dos profissionais ficava comprometida, uma vez que, com a exposição midiática, os árbitros acabam por ser reconhecidos, mudando assim sua forma de viver e de agir perante a sociedade.

Como já observado, nem todos os árbitros tiveram as mesmas oportunidades, pois suas ascensões na carreira, não dependiam apenas de suas qualidades técnicas. O período em questão marcou, a entrada do primeiro árbitro sul-rio-grandense ao quadro da FIFA, quadro este que era almejado por outros profissionais. Deste modo, entendemos que há, limitações neste estudo, sendo uma destas, o fato de não trazermos à luz as decepções e frustrações de cada profissional durante seus percursos. Através de novos depoimentos, seria possível extrairmos dos árbitros em foco, memórias, experiências e percepções,

que complementariam esta pesquisa. Para trabalhos futuros, destacamos a possibilidade de interpretamos os testemunhos de árbitros que atuaram em décadas mais recentes, nas quais a evolução do futebol e da mídia no esporte, passaram por uma série de transformações, como o avanço tecnológico e a criação da *internet*, nos permitindo compreender, através de suas memórias, a importância do árbitro em distintas fases da história.

REFERÊNCIAS

A INAUGURAÇÃO DO BEIRA RIO. Acervo pessoal de Roque José Gallas. 1969.

A OPINIÃO PÚBLICA. **A Opinião Pública**. Pelotas, p. 01, 22 abr. 1908. Coluna Noticiário.

AGOMAR MARTINS. **Centro de Referência do Futebol Brasileiro**. 2018. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/673041/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

ALMEIDA, K. **Nosso futebol**. São Paulo: Arte e Texto, [199?]

ALVES, Gabrielle Werenicz. Uma comparação entre a pandemia de Gripe Espanhola e a pandemia de Coronavírus. **Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UFRGS**, Porto Alegre, abr. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/uma-comparacao-entre-a-pandemia-de-gripe-espanhola-e-a-pandemia-de-coronavirus-por-gabrielle-werenicz-alves>. Acesso em: 03 mai. 2020.

ALVES, Maicon Lemos. **A escolha de ser árbitro de futebol**. 2011. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Criciúma, 2011.

ANTUNES, P. **Regras de futebol**. São Paulo: Cia Brasileira, 1992.

ÁRBITRO GUARANHA COMO ATLETA NO FUTBEOL AMADOR DE PORTO ALEGRE. Acervo pessoal de Luís Roberto. 1950.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-80.

BARBIERI, Fabio Augusto; BENITES, Larissa Cerignoni; NETO, Samuel de Souza. Os sistemas de jogo e as regras de futebol: considerações sobre suas modificações. **Revista Motriz**. Rio Claro: v. 15, n. 2, p. 427-435, abr./jun. 2009.

BARBOSA, Zeno Escobar. **Entrevista**. Entrevista cedida a Joseph Ribeiro Lopes. Porto Alegre, 27 out. de 2021. 44min47seg.

BARRETO, Alexandre Lourenço. **Entrevista**. Entrevista cedida a Joseph Ribeiro Lopes. Porto Alegre, 21 jan. de 2021. 29min05seg.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

BARROS, J. D. A. A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, v. 12, n. 16, p. 38–63, 2011.

BOSCHILHA, Bruno; VLASTUIN, Juliana; MARCHI JUNIOR, Wanderlei; Implicações da espetacularização do esporte na atuação dos árbitros de futebol. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Campinas: v. 30, n. 1, p. 57-73, set. 2008.

BRASIL. Decreto n.º 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, Seção 1, p. 000.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

BURKE, P. **O Que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARTEIRINHA DA AGA. Acervo pessoal de Justimiano Gularte. 1969.

CBD - CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS. **Regras do futebol**. Rio de Janeiro: Palestra Edições, 1978.

CBF - CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Regras de Futebol 2021/22**. Rio de Janeiro. Junho de 2021.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL / Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CORREIA, Jones Mendes; LIMA, Fernando Godinho. RIGO, Luiz Carlos. Contextos e organização do futebol em Rio Grande (1900-1916): histórias sobre amistosos, torneios, fundação de ligas e os primeiros campeonatos municipais. **Revista Didática Sistêmica**. Rio Grande, v. 16, n. 1, p. 120-135, 2014.

CORREIO DO POVO. **Correio do Povo**. Porto Alegre, p. 19, 16 abr. 1950.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DE SOUZA, Marta Aparecida Magalhães. **Um olhar para os árbitros de futebol**. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, v. 6, nº 1, p. 121-132, janeiro/junho 2016.

DIÁRIO DA TARDE. **Diário da tarde**. Curitiba, p. 6, 2 mai. 1970.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de notícias**. Porto Alegre, p. 13, 10 mar. 1957.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de notícias**. Porto Alegre, p. 11, 27 jun. 1958.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de notícias**. Porto Alegre, p. 03, 09 ago. 1959.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de notícias**. Porto Alegre, p. 11, 30 abr. 1960

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de notícias**. Porto Alegre, p. 8, 28 mar. 1961.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de notícias**. Porto Alegre, p. 11, 01 jul. 1966.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de notícias**. Porto Alegre, p. 6, 31 mai. 1969.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de notícias**. Porto Alegre, p. 14, 26 abr. 1970.

DIÁRIO POPULAR. **Diário Popular**. Pelotas, p. 02, 27 ago. 1908.

DIAS, Nilo. Um juiz de 160 quilos. **Reporter Nilo Dias**. Porto Alegre, abr. 2012. Disponível em: <http://nilodiasreporter.blogspot.com/2012/04/um-juiz-de-160-quilos.html>. Acesso em: 20 mai. 2019.

DIPLOMA DO CURSO DE 1966. Acervo pessoal de Silvio Rodrigues. 1966.

FARIAS, Anderson da Silveira. **Processo de amadurecimento de uso do var no futebol brasileiro: perspectiva da equipe de arbitragem**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, UFRGS, Porto Alegre, 2021.

FERLA, Marcelo. **100 anos da Federação Gaúcha de Futebol: a história**. Porto Alegre: 2018.

FERREIRA Rodrigo D'Alonso; BRANDÃO, Maria Regina Ferreira. **O árbitro brasileiro de futebol profissional: percepção do significado de arbitrar**. Revista da Educação Física / UEM, v. 23, nº 2, p. 229-238, 2. trim. 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREITAS, Sônia Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

GASPARETTO, Cristiel; MANHAGO, Gustavo; DIVERIO, Rafael. 100 fatos nos 100 anos do Gauchão. **GZH Especiais**. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/gauchao-100-anos/>. Acesso em: 18 jun. 2020.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUARANHA, Luís Roberto Porto. **Entrevista..** Entrevista cedida a Joseph Ribeiro Lopes. Porto Alegre, 19 out. de 2021. 35min.

GUAZZELLI, César. **500 Anos de Brasil, 100 Anos de Futebol Gaúcho: construção da "província de chuteiras"**. Verso e Reverso, v.16, p. 37 - 67 2000.

GULARTE, Justimiano. **Entrevista**. Entrevista cedida a Joseph Ribeiro Lopes. Porto Alegre, 27 out. de 2021. 1h17min38seg.

GUTIÉRREZ, Paulo Jassin; VOSER, Rogério da Cunha. **A carreira do árbitro de futebol: perspectivas atuais de profissionalização**. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Ano, 17, nº 17, Out. 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd173/a-carreira-de-arbitro-de-futebol-e-profissionalizacao.htm>. Acesso em: 19 jul. 2021,

HORN, Lucas Guimarães Hachatiko. **Além dos 90 minutos: A trajetória da carreira do Árbitro de Futebol**. 2015. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

HORN, Lucas Guimarães Hachatiko; MAZO, Janice Zarpellon. Um estudo histórico sobre a torcida do 'Grêmio Esportivo Renner' de Porto Alegre/RS (1945/1959). **Revista Pensar a Prática**. Goiânia, v. 12, n. 2, p. 1-13, mai./ago. 2009.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. **Lecturas: Educación Física y Deportes**. Revista Digital. Buenos Aires, Ano 5, n. 26, out. 2000.

JORNAL DO DIA. **Jornal do dia**. Porto Alegre, p. 07, 18 jun. 1947.

JORNAL DO DIA. **Jornal do dia**. Porto Alegre, p. 07, 09 mar. 1950.

KRUSE, Carlos Augusto. **Entrevista**. Entrevista cedida a Joseph Ribeiro Lopes. Porto Alegre, 22 out. de 2021. 50min32seg.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**. Campinas: São Paulo: UNICAMP, 1990.

LOUREIRO, Luiz Augusto Zafalon. **Futebol e o controle de jogo: as interdependências do árbitro brasileiro na configuração VAR**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Curitiba, 2020.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

LUCA, Tania Regina. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. *In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-154.

MARTINS, Agomar. **Entrevista**. Entrevistado por SAFERGS. Porto Alegre: Marca da Cal, mai. 2008.

MAZO, Janice Zarpellon. **Revista do Globo (1929-1967):** Catálogo do Esporte e da Educação Física. Porto Alegre: FEFID/ PUCRS, 2004.

MAZO, Janice Zarpellon; REPPOLD, Alberto Reinaldo. **Atlas do esporte no Rio Grande do Sul:** atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005.

MAZO, Janice Zarpellon. **Banco de Dados das Associações Esportivas e de Educação Física em Porto Alegre/RS (1867-1945).** Porto Alegre: FEEVALE/APEFRS, 2012, CD-ROM.

MAZO, Janice Zarpellon; PEREIRA, Ester Liberato; SILVA, Carolina Fernandes. Futebol no Rio Grande do Sul: conflitos entre clubes e entidades dirigentes. **Espaço Plural.** Toledo, v. 14, n. 29, p. 55-66, 2013.

MEDINA, Asaléa de Campos Fornero. **Depoimento de Asaléa de Campos Fornero Medina.** Porto Alegre: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, 2015.36 f. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180542>. Acesso em: 13 fev. 2021.

MELO, Orion Satter. **Memórias do apito.** Entrevistado por SAFERGS. Porto Alegre: Marca da Cal, jan-fev. 2011.

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea – Trejetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre.** 2012. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

NORA, Pierre. **“Entre memória e história: a problemática dos lugares”.** Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.1993.

O GRENAL PRAIANO. Acervo pessoal de Silvio Rodrigues. 1970.

OLIVEIRA, Alex Fernandes de. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol.** São Paulo, v. 4, n. 13, p. 170-174, dez. 2012.

OLIVEIRA, Eduardo Minossi; MAZO, Janice Zarpellon; SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do campo a arena: a transformação dos estádios de futebol na dinâmica urbana de Porto Alegre. **Caderno de Educação Física e Futebol.** Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 1, p. 79-88, 2013.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural.** 2. ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PEREIRA, Adilson José; ALADASHVILE, Gocha Anzorovichi; SILVA, Alberto Inácio da. Causas que levam alguns árbitros a desistirem da carreira de árbitro profissional. **Revista da Educação Física/UEM.** Maringá, v. 17, n. 2, pág. 185-192, 2 sem. 2006.

PIONEIRO. **Pioneiro**. Caxias do Sul, p. 11, 18 jan. 1964.

PINSKY, C.B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

RIGO, Luiz Carlos. O porto e a fronteira: notas sobre o pioneirismo do futebol do interior do Rio Grande do Sul. *In*: GOELLNER, Silvana; MÜLLEN, Johana Coelho von. **Memórias do esporte e do lazer no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FUNDERGS, 2013.

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECA, Luciano; DA SILVA, Inácio Crochemore; Notas Etnográficas sobre o futebol de várzea. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 155-179, jul./set. 2010.

RODRIGUES, Silvio. **Entrevista**. Entrevista cedida a Joseph Ribeiro Lopes. Porto Alegre, 20 out. de 2021. 32min21seg.

ROLIM, Raphael Moura. **O escolher “ser” árbitro de futebol e a motivação para prática sob o olhar da psicologia do esporte: investigação centrada a tecnologia do google™ docs**. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2014.

SALDANHA, J. **O futebol**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971.

SILVA, Aberto Inácio; RODRIGUEZ-AÑES, Ciro Romelio; FRÓMETA, Edgardo Romero. O árbitro de futebol – uma abordagem histórico-crítica. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v.13, n. 1, p. 39-45, 1 sem. 2002.

SILVIO GANHA DESTAQUE NO PARANÁ. Acervo pessoal de Silvio Rodrigues. 1970.

SKOWRONSKI, Marcelo; MORAES, Ronaldo Dreissig; MAZO, Janice Zarpellon. Grêmio Esportivo Força e Luz: futebol, trabalho e história. **Licere**. Belo Horizonte, v. 17, n. 1, mar. 2014.

SOARES, Ricardo Santos. **O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, 2014.

TERTULIANO, Ivan Wallan; OLIVEIRA, Vivian de. O árbitro de futebol e a importância dos aspectos psicológicos: olhares da Psicologia do Esporte. **Caderno de Educação Física e Esporte**. Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 1-11, 2018.

VAMPLEW, Wray. História do esporte no cenário internacional: visão geral. **Revista Tempo**. Niterói, vol. 19, n. 34, p. 5-17, junho 2013.

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO

Porto Alegre, 12 de setembro de 2019.

A/C: Luis Fernando Gomes Moreira

Presidente da Comissão Estadual de Arbitragem de Futebol – CEAF/FGF.

REF.: SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA

Venho, por meio desta, solicitar autorização para a realização de entrevistas semiestruturadas e gravadas (com tempo máximo de 1h de duração) com árbitros, ex-árbitros e membros da CEAF, pertencentes ao quadro da Federação Gaúcha de Futebol. As entrevistas serão realizadas pelo aluno Joseph Ribeiro Lopes do curso de mestrado com a finalidade de coletar informações para sua pesquisa intitulada: “ÁRBITROS SUL-RIO-GRANDENSES DE FUTEBOL: EVOCANDO LEMBRANÇAS DOS “DONOS DO APITO” NAS DÉCADAS DE 1940/1960”, a qual é orientada pela Professora Doutora Janice Zarpellon Mazo da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Deste modo, solicitamos o acesso do aluno de mestrado Joseph Ribeiro Lopes, do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da ESEFID/UFRGS, aos árbitros, ex-árbitros e membros da CEAF para a realização das entrevistas. Como contrapartida será entregue um relatório para a Federação Gaúcha de Futebol, no sentido de preservar a memória e a história dos árbitros de futebol do Rio Grande do Sul. Também será divulgado o trabalho por meio da dissertação de mestrado, com futuras publicações de artigos e apresentações em eventos. Além disso, será divulgado no site e *Facebook* do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME), bem como em ambas as

plataformas do Centro de Memória do Esporte, da ESEFID/UFRGS. Por fim, a ESEFID/UFRGS fica a disposição para sediar palestras, oficinas e outras atividades voltadas para a formação profissional na área da arbitragem de futebol.

Estamos a disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Desde já, agradecemos a atenção.

Janice Zarpellon Mazo

Profa. Dra. do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Coordenadora do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) e do Observatório do Esporte Paralímpico da ESEFID/UFRGS.

E-mail: janice.mazo@ufrgs.br

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome do entrevistador:

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Horário de início e fim da entrevista:

Observação: Registrar se tinha algum colega (Árbitro Assistente) acompanhando e o nome.

Dados de identificação do entrevistado:

Nome:

Data de nascimento:

Sexo:

Endereço residencial:

Endereço profissional:

Telefones para contato:

E-mail:

Redes sociais:

Formação profissional e ano (graduação/pós-graduação/cursos de arbitragem):

Ano de ingresso FGF/CBD/CBF:

PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1) De que forma você se aproximou da arbitragem do futebol?
- 2) Como se deu sua formação para ser árbitro de futebol?
- 3) Como ocorreu seu processo de “vinculação” junto a FGF? Como eram feitas as escalas de arbitragem, os pagamentos das taxas e as nomeações para o quadro nacional?
- 4) Em sua percepção, como o árbitro de futebol era visto naquela época? O que falavam os jornais, rádio, televisão, familiares, etc.?
- 5) Comente sobre sua participação na arbitragem de campeonatos regionais, nacionais e/ou internacionais de futebol.

- 6) Quando e como ocorreu o encerramento de sua carreira como árbitro de futebol? (Esteve vinculado a outra(s) atividade(s) profissional(is) durante e/ou após a atuação como árbitro?)
- 7) Comente sobre a história da arbitragem do futebol no RS. (1919 -> 2019)
- 8) Você conhece alguma mulher que atuou como árbitra ou assistente na arbitragem do futebol no RS?
- 9) Você gostaria de destacar algo ou de deixar uma mensagem antes de encerrarmos a entrevista?

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar da pesquisa intitulada “Árbitros sul-rio-grandenses de futebol: evocando lembranças dos “donos do apito” nas décadas de 1940/1960”, a qual busca investigar os percursos históricos dos que fizeram parte da arbitragem de futebol no Rio Grande do Sul. De tal modo, você apresenta possibilidades de contribuir para os resultados da pesquisa a partir de seus conhecimentos e de suas experiências acerca desta história.

Se você concordar em participar deste estudo, responderá a uma entrevista com um roteiro de perguntas pré-elaborado pelo pesquisador Joseph Ribeiro Lopes sob orientação da Professora Doutora Janice Zarpellon Mazo, com o tempo máximo de duração previsto de uma hora. Seu relato e respostas são muito importantes para que possamos levantar informações necessárias para nosso estudo, a partir da visão de quem atua, atuou ou vivencia esta atividade. Para tanto, requeremos o seu consentimento para responder a entrevista, a qual poderá ser gravada em áudio e/ou vídeo através de aparelhos digitais, tais como câmera filmadora e gravador de voz.

Informamos, também, que sua entrevista será transcrita integralmente. Finalizada a transcrição, se for do seu interesse, retornaremos o documento para o(a) senhor(a), para sua revisão e seu consentimento de publicação dos resultados. Solicitamos autorização para utilizarmos suas imagens, captadas durante a filmagem da entrevista, além de eventuais fotografias, para a produção de projetos audiovisuais (vídeo clipes, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.) para a divulgação das memórias do esporte do Rio Grande do Sul. Caso seja do seu interesse, enviaremos posteriormente uma cópia da entrevista em áudio e/ou vídeo para uso pessoal.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o(a) senhor(a) recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas sem fins comerciais. Com a sua permissão, as informações geradas a partir de seu depoimento poderão ser

disponibilizadas (formas escrita e/ou visual) em plataformas sociais *online* do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) e do Centro de Memória do Esporte (CEME), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bem como no *site* do CEME, o qual é livre acesso, possuindo a finalidade de preservar e divulgar a memória do esporte.

Informamos ainda, que o(a) senhor(a) não terá custos financeiros e nem será remunerado(a) por sua participação. No entanto, adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de constrangimento relativo à pesquisa, embora sempre exista a possibilidade de riscos. Esperamos por meio das ações vinculadas a este projeto, preservar a memória da arbitragem de futebol no Rio Grande do Sul e produzir novos conhecimentos; divulgando os resultados no meio acadêmico e esportivo, contribuindo para o desenvolvimento e reconhecimento desta atividade.

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá contatar a qualquer momento a pesquisadora responsável pelo projeto, Professora Janice Zarpellon Mazo, no endereço profissional à Rua Felizardo, nº 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelos telefones (51) 99579428/33883031, ou no endereço eletrônico janicezmazo@gmail.com, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo telefone 3308.3629 ou por e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a).

_____, ____ de _____ de 2021.

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em responder a entrevista e participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Data: _____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima. Assim, permito a identificação de meu nome, o uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: _____

Data: _____

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, favor utilizar o campo abaixo para maiores esclarecimentos.
